

Reduto Teórico



Outubro 1945

Sumário

- 1910 - Outubro - 1945.
- Indemnizações.
- Da III à IV República.
- Das Forças Armadas.
- Para onde vamos.
- Cenas da nossa vida.
- Unidade!
- A política do "vai ou racha".
- Notas e comentários do mês.
- Homenagem a todas as vítimas do fascismo.

12° 23



1910



OUTUBRO

1945

Faz, precisamente, neste mês de Outubro, trinta e cinco annos que a "terra-miuda", de pé descalço, rôtã e faminta, guardou velosamente, de espingarda ao ombro, cartucheira e cinta, os corpos da Burguesia...

Emudstceram os canhões para, estrelajaram os foguetes e as palmas dos concedores. No largo do Pelourinho, a bandeira verde-rubra publico ao tóno do mastro e a Burguesia, letrada e comercial, da varanda do município, declarou solenemente: - "Está proclamada a República!"

Faz trinta e cinco annos que o povo estava em festa. Entre clarões de esperança, cantava, ingénuo e enternecido, os versos da Portuguesa; saída, era o sol do fervor e effervescera, num extase patriótico, os feitos dos seus egípcios avós que deviam "mundos novos ao mundo"...

É a parte da Burguesia que se revoltara contra os desmanchos da corôa e contra os apaniguados do traco, usavam-na-se da facilidade com que obtivera a vitória e olhava, em vaidade, para a plebe que, ordeira, seguia a seu reboque, submetida inconscientemente a um novo domínio, sob o signo trilógico da liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

O Rei, Porfirio revia-se, talcira, nos portais illustrados, como se elles fossem espelhos. Não estava, em côres garridas, a sua figura simbólica, de chapeirão, camisa aberta, sorriso largo, e chapada na face toda o reflexo da sua alma simples de criança. O povo estava contente. O terror de João Franco passara! o rei seguia o caminho da emigração forçada, a bordo de um navio; outros navios, em breve, trariam a Portugal o prometido bacalhau a patico....

O povo é honrado e bom-dizia-se. Nas horas de perigo guarda os bancos, guarda os recursos que não são seus; e, se atacado precipocemente, redôa paternalmente. Assim foi em Monsanto - "Aqui não se mata ninguém!" - assim foi no Porto...

Especulando em estes sentimentos, e á força de os repetir, a Burguesia acabou por encasquetar nas suas próprias vitimas a filosofia do "antes pobre mas honrado do que rico e latrão"...

Faz trinta e cinco annos neste mês de Outubro que o povo sonhou, um sonho bom mas curto, porque a reacção logo reagiu. Vieram as cruzadas, de cruces alçadas, como exercitos da Fé, levantando a bandeira tradicionalista e ultramontana de São, arrastando consigo o canhão da fé, do beato e semente a Deus... Teio o movimento das escolas de Dinastia, de Castro; vieram as forças militares, a ditadura de Salazar, o Monsanto, o "18 de Abril" e, finalmente, o "28 de Maio"... A toda o tempo resistiu a seu; assim no "4 de maio"; assim no glorioso assalto a 25 de Maio; assim no ataque à Rotunda. Mas, por fim, atirando sobre seu diadema, sobre a confusão dos partidos, cego pelos fumos do tabaco, herdado no ultimo escândalo que a reacção - os inimigos da liberdade popular - lhe costurou...

mente alardeava em firmes campanhas de imprensa - trans-
postes marítimos, Encomendas Postais, Angola e Metrópole, etc - o novo
desorientado, abre alas ao novo messias, ao herói da Flandres, que
entra gra capital à frente de um exército de "salvação nacional".
Em breve se dava conta de que se iludia uma vez mais. Ainda as
sem reagiu em Fevereiro, no Porto e em Lisboa. Porém, os seus chefes
não estiveram à altura das circunstâncias. Oitaram, e, fiaram
do ter medo da força do povo, que eles próprios espiacavam, rende-
ram-se ingloriamente...

Salazar, o "ditador das almas", o Reiola português, o di-
dimo representante do que há de mais reaccionário e corrupto na so-
ciedade portuguesa, aparece em cena. Ele era favorecido pela polí-
tica internacional, fascinando o país, ludibriando o povo com a
mais descarada e desonesta demagogia; "enquanto houver um lar-
som não a revolução continua?" - declara. E os seus acólitos, sem
instalados na vida, gerando a "tripa fôrra", proclamam Sala-
zar como o "maior operário da nação". É uma afronta, sem dúvida,
a todos os trabalhadores...

Sax trinta e cinco anos neste mas de outubro que foi
proclamada a República. Há mais lares sem pão: a Revolução Na-
cional não continuia. Altingue o seu ponto culminante quando o fas-
cismo internacional alcançara também o dele. Enmagado este, ven-
cedores os exércitos da liberdade, morto Mussolini, conquistada Ber-
lim e sobre as suas ruínas, ainda fumegantes, hastada a bandeira
rubra do glorioso Exército Vermelho, a bandeira dos veteranos de Estaline-
grado, la "Revolução Nacional" entrou em dextenso.

O povo vai despertando para a luta; a burguesia liberal e de-
mocrática organiza-se; a imprensa clandestina multiplica-se. O pro-
letariado, agora mais consciente, politicamente organizado, prepara-se
também para arcar com as responsabilidades do Poder. Discutem-se pro-
gramas, exige-se a unidade. Em laboratórios subterrâneos prepara-se a
futura revolução...

A República democrática, a República popular, vai ser de no-
vo proclamada! Falox das mesmas varonias seia o grito da ansada li-
berdade. A bandeira verde-rubra frapará no tope dos mastros; os acordos
da Portuguesa voltarão a ecoar...

Mas tudo terá um sentido novo, mais realista, menos românti-
co. O povo ainda guardará os cozes, mas exigirá a administração do dombi-
ro; o proletariado não gritará "abuso os políticos", mas, ajudando a es-
magar a burguesia reaccionária, aliar-se-á à burguesia liberal, esfor-
çando-se para que esta leve até às últimas consequências a sua revolu-
ção.

É com este fito que nós, comunistas, nesta hora em que os povos
buscam novos rumos, nos lusitanos, na nossa terra, a ironizar na luta
a bandeira vermelha e a bandeira verde-rubra, as estrofes da Portuguesa
e os valores dos seus hinos...

Indemnizações



GES
PCP

os muitos problemas em discussão, e propósito de "amanhã", do que se deve fazer, etc., o problema das indemnizações, conquanto não tenha uma importância nacional, não deixa por isso de preocupar alguns milhares de espíritos.

Dos três anos de cativeiro tenho sido testemunha de muitas discussões a tal respeito entre os presos anti-fascistas e nelas tenho também intervido variadas vezes. As opiniões têm divergido e observo que hoje ainda o problema continua incompreendido ou considerado insolúvel, faltando-me assim o apoio decidido de todas as vitimas mais directas do Salazarismo e o apoio moral da massa anti-fascista do país. Aquilo que conheço do movimento ilegal é notório o silêncio feito à volta de tão justa reivindicação que, quanto a mim, deveria enfileirar ao lado de tantas outras.

Não há dúvida de que o assunto exige ser devidamente examinado e ponderadamente discutido para que cada aquilamento politico e insereva no seu programa, transformando-o que alguns fulgam em sonho, num compromisso sério a resolver na primeira oportunidade.

Podemos dividir, embora numa ordem muito geral, em três grupos distintos, as opiniões dispendidas sobre tal assunto.

Em primeiro lugar os defensores, depois os cépticos e, por fim, os opositores. Os primeiros são, na sua quasi totalidade, republicanos, elementos da pequena burguesia, funcionários civis e militares, que na luta perderam a seu "pé de meia" os seus haveres ou os lugares que desempenhavam há muitos anos no Estado.

Os cépticos são os empregados do commercio, os operários da industria particular, que não vêem perspectivas de voltarem a servir o mesmo patrão, quanto mais as sérias perdas. A sua posição social criou-lhes uma mentalidade caracteristica, diferente da dos funcionários publicos. Finalmente os opositores, que é uma curiosa falange de idealistas, com concepções esquisitas sobre a moral, sobre a pureza dos principios, que seriam emporcaldados se aceitassem qualquer reparação material da burguesia...

Ora, parece-me que o desentendimento tem a sua raiz no facto de os primeiros defenderem um critério estreito, de corporação, dissemos, exigindo apenas o regresso à repartição e o pagamento integral dos seus vencimentos, e os segundos commerciantes ou industriais a conquista dos haveres consumidos na preparação do "revivalho" ou devorados pela policia em illegis expropriações. Penso-tam a situação dos outros que não têm as mesmas facilidades e, muito embora na sua consciencia sintam a injustiça, não vêem a maneira de a resolver.

A discussão seria enormemente facilitada se os pontos de vista divergentes referidos, quando existe, a sem de outro portador, se considerassem as indemnizações não como vantagens de natureza politica ou de funcionários civis ou militares, mas como um direito de todas que na luta caíram e sofreram uma redução ou perda, não só possível, a tragedia de cada um e de cada familia, que é essa.



Fácil seria ao governo, após a queda do fascismo, estabelecer uma base proporcional aos vencimentos e salários de cada profissão, como taxa ace, multiplicada pelos anos de prisão, dehortação, etc, sobre a constituir um capital que permitisse reparar os lares desfeitos, as dívidas contraídas, o conveniente tratamento da saúde seriamente afetada, e de tal maneira que muitos estão incapazes de exercerem qualquer actividade.

Assim se passaria de uma reivindicação particular a uma reivindicação geral que não poderia deixar de ser apoiada por todos, e rejeitando-se claro, os tais "moralistas"...

O governo, além disso, reconduziria todos os assalariados e funcionários aos seus antigos lugares; obrigaria as grandes empresas - Caminhos de Ferro, Carris, etc, etc, - a admitirem todos os empregados e operários despedidos por motivos políticos. Assim se fez em Espanha quando da vitória da Frente Popular. Aos operários da construção civil, das febreiras Oficinas, lojas comerciais e escritórios, procurar-se-ia garantir também emprego, nas obras públicas, camarárias e outras, quando não encontrassem trabalho na indústria particular.

Não nos deixemos impressionar com o facto de se pretender aumentar o funcionalismo, ou converter o Estado num protector de "clientelas políticas". A experiência está feita. A República não sofreu os golpes que recebeu, não seria traída como foi, se tivesse feito uma séria de luta em todo o seu funcionalismo. O exemplo está dado pelo fascismo que, para sua segurança, pôs homens da sua confiança em toda a parte, despedindo, prendendo e perseguindo todos os anti-fascistas. A segurança da liberdade, a garantia da democracia, está precisamente na tomada das medidas.

Também nos não devemos impressionar com o argumento de que as indemnizações requirem um capital enorme, exigem um grande sacrificio do Estado, isto é, dos contribuintes.

A simples expropriação das fortunas feitas à sombra do regime, o regresso aos espres publicos do dinheiro roubado pelas mais variadas formas - desde as subvenções a poderosas companhias até à prodiga distribuição de milhares e milhares de contos à padralhada - reuniria fundos mais que suficientes para atender a todas as indemnizações.

Parece-me que fica suficientemente demonstrada a possibilidade das indemnizações e que a base atraz expressa impedirá a concórdia de todos. Se assim é, resta aos que alcançarem a liberdade, trabalharem no sentido de fazer-las reconhecer como reivindicação de todos os anti-fascistas, nas várias organizações existentes.

A não e só a nós, compete trabalhar pela reconstrução dos lares, pois os nossos sacrificios e os sacrificios das nossas famílias são a consequência da luta que travamos em prol de uma vida melhor para todos os portugueses e não exclusiva a nós próprios.

A contradição entre a produção social e a apropriação individual manifesta-se sob a forma de um antagonismo entre o proletariado e a burguesia.

(Engels)

Da III à IV República.

GES
PCP

Os dois acontecimentos que decorreram em França no mês de Agosto - o julgamento de Pétain e as reuniões da Assembleia Consultativa - cujos reflexos se prolongarão pelos meses mais próximos, são o mais significativo que aquele país está dobrando. O palácio de Bourbon e o da Justiça, onde aqueles acontecimentos se desenvolveram, são como que o vestibulo de passagem entre as duas Franças: a do passado e a do futuro - por menor diferença que haja, entre a Terceira República que se extingue e a Quarta que se ergue.

Vários jornalistas e críticos têm salientado a sinerização desses dois acontecimentos e considerado o julgamento de Pétain o julgamento da Terceira República. Nós, porém, cremos que é abusar muito do significado daquêle julgamento, na sua importância na revisão que ele sugere às instituições do passado, quando se compara esse julgamento com a sorte da III República. Em primeiro lugar, Pétain não personifica a República; ele é, quando muito, um filho bastardo dela; em segundo lugar, porque, como filho bastardo, ele tem procurado trai-la, para se tomeguir, não corou ao traír também a sua pátria.

Tejmos resumidamente o caso:

A Terceira República Francesa, nascida por entre os clarões da Comuna e sob o fluxo da derrota francesa de Sedan, que levou Luís XVIII a Versaillles e arrancou à França a Alsácia e a Lorena, foi uma República que, quer pelo sistema eleitoral e governativo que adoptou, quer pelas reformas a que procedeu, permitiu sempre o acatamento de uma camarilha militar reaccionária que gerou o processo Dreyfus, a intentona "boulangista", etc., camarilha que se prolonga até aos nossos dias com a forma das "Croix de Feu", "Camelots du Roi", Action Française, etc.

Em várias fases da vida política francesa, essa camarilha veio repetidas vezes a barricada na luta contra o parlamentarismo e outras formas de liberdade de expressão do pensamento. O processo Dreyfus é o embate dessa "clique" com as forças progressistas, em 1894, que colhe de permissão um oficial judeu do Estado-Maior do Exército Francês. Depois, Boulangier é o general arminista que se lança numa aventura, tentando destruir a República. Após alguns anos de lide, ergue de novo o pendão das forças militares - nacionalistas e camisas com, seguindo-lhes o caminho e cantando os seus himnos os "Camelots du Roi" e os "Droix de Feu" a prosseguir a obra dos reaccionários, dos que, a todo o custo, têm querido lançar no mundo instituições livres de governo.

Pétain é hoje o prolongamento de um espírito reaccionário.

que têm lançado a França em tanta perturbação e que em tantas circunstâncias põem em perigo as liberdades da República. Selo Petain, pela sua importância, com esse facto quando acusa o marechal Petain de agente catalizador do movimento clandestino que se fixera contra a Terceira República, tendo como agente dinâmico o "Bogoule" de que Petain era membro? O "Bogoule" foi a organização dos assassinos que mataram os irmãos Kapseli, Dimitzji, Navichine; era a organização dos homens que em Fevereiro de 1933 pretendiam assaltar o poder e autores de vários motins em que cairam de pernas de brabo. Thadon, entre eles Brunier, secretário do Sindicato da Construção Civil de Paris, em defesa da liberdade. Petain, contra nessa altura, precisamente, na cena política e, desde então - vemos agora provado pelos depoimentos - passa, a agir publicamente, ele que, até então, tinha permanecido na obscuridade. Ele não deixa de ser o falso estratega e o "subotador" do armamento francês, o derrotista das primeiras horas que precipita os acontecimentos, pronto, ele e a sua camarilha, a dar o salto, na ocasião oportuna, para a desfilha pernalçada à Pátria e ao regimen político. (1)

Assim, o julgamento de Petain não é o julgamento da III República, mas sim a condenação pura e simples da política arruinista que, desde há muito, vinha sendo realizada à sombra das instituições. As únicas responsabilidades que esta porventura terá serão de as suas instituições permitirem o desenvolvimento de algumas organizações reaccionárias e de a podridão de alguns partidos e a transfusão e complacência, por vezes criminosa, de outros facilitarem a acção subterrânea de bandos que respiraram a luz do dia logo que chegou a hora da traição.

Resistentes foram os esforços da defesa, durante as audiências, para transformar o julgamento do chefe da camarilha militar reaccionária e dos derrotistas franceses, no julgamento dos políticos que, na prisão do exílio, fuderam rejeitar muitos dos seus erros e fragueiras mas que, no entanto rejeiciaram, embora um pouco tardiamente, na sua maioria, a política colaboacionista de Vichy. Apesar de um julgamento, se descontinuar muitas das faltas e ferros de Reynaud, Daladier, etc, os jurados da Resistência não se perderam porque eles mesmos conheceram qual o herigo fundamental no presente momento e souberam conduzir, pelo verdadeiro caminho, o curso das audiências. A tentativa de transformar o julgamento de Petain na continuação do julgamento de Rion Falho, como também falharom os objectivos da defesa e do governo Petain-daval, em 1941, quando pretendiam levar um tribunal a condenar politicamente a Terceira República. Apesar da grande pressão política e da ameaça directa das baduretas de armamento, apesar do processo ter sido organizado pelo sistema da "gestapo" francesa e o tribunal ter sido

o mesmo que em 1940, como em 1874 quando da questão de Rion Falho, não foi realizada pelos mais "realistas" e representantes da resistência, pelos seus maiores responsabilidades tinham neste.

GES
RCP

seleccionado, o governo de Vichy não pôde impedir que no curso das audiências, se passasse da acusação ao antigo regimen de não ter sabido conduzir o país para evitar aquela calamidade, para a acusação dos homens que na hora do perigo a haviam precipitado. No julgamento de Riom, quando se acusavam os políticos de terem pondurado o país à guerra sem estar preparado, estes conseguiram fazer prevalecer a única defesa possível para eles, de que a guerra lhes fôra imposta pelos que eram agora os invasores e de que, se não se resistia, mais a responsabilidade não lhes cabia a eles. Assim se caiu na acusação aos capitulantes de Vichy e assim estes, de combinação com Himmler, se viram obrigados, ante a ameaça de completo malogro, a deportar os seus acusadores para os campos de concentração alemães.

Agora, no julgamento de Paris, havia os pirados da Resistência, que nos dias plúgubres da luta do "magilis" tinham medido bem o grau de responsabilidade dos homens de 1939 e dos traidores de Vichy. O principal perigo para as instituições republicanas esteve sempre nos princípios que estavam representados em Teltain. Essa era a primeira fase do ajuste de contas. Depois, no curso dos acontecimentos, se tratou dos que complacientemente conduziram a França ao limiar da traição.

Por isso, foram baldados os esforços da reacção em França para fazer no palacio da justiça o que Carnot fixera no nosso país, na Sala do Risco, em 1915. Não se tratou ali de julgar a Republica, como afirmaram alguns formalistas. Os crimes que ali se julgaram e condenaram foram crimes praticados contra elle e contra a Patria, por uma camarilha que há muito vivia à sua sombra e contra ella combatia e combatia.

Do resto, o "julgamento da III Republica" transcorde a farca, que se desenrolou no palacio da justiça de Paris - farca que tocou o cômico e o ridiculo - de que o proprio Joseph descurtara, nas suas memórias, o valor de decisão, tão necessario num militar.

O julgamento da III Republica deve ser encarado sob um duplo aspecto: o das instituições e o dos homens que as realizavam, na vida politica do país. E não se diga que esse julgamento - bem mais importante e mais longo - se não está sendo. Lembremo-nos do que aconteceu a Rennaud, Vallin, Hériot e Kellum quando chegaram a Paris. Depois de várias conferências e sondagens, enquanto o Comité Central da Resistência se dispunha a dar assistência na Assembleia Consultiva de que a sua situação politica se esclareceu - eles tiveram o papel fundamentalmente a resolução de fazer de honra a sua acção politica "veridicamente" popular. Parece-nos que nesse momento deve ter pesado o parecer do C.C. da Resistência e esse parecer de condenação viva de que não foram esquivados as restrições de que eles tiveram na actuação interna contra os seus...

Por outro lado, a discussão que se realizou na velha Câmara dos Deputados constituiu, na sua parte crítica e muito especialmente com o repúdio das suas instituições características, o processo com que a III República passará à história. É difícil seguir pormenorizadamente a discussão, mas os elementos coadunados pela censura dão-nos uma ideia das três principais correntes — a de gaulista, a do "statu quo" e a das esquerdas — e da maneira como a Assembleia Nacional acolheu os pontos de vista de De Gaulle para se passar à elaboração do Estatuto nacional.

Em primeiro lugar, exaliquemos em síntese as propostas governamentais, ou "degaulistas", que foram apresentadas à Assembleia Consultiva. De Gaulle propunha, por um lado, a eleição do princípio geral da futura constituição a um plebiscito, e por outro lado, depois poderes durante sete meses para o seu governo, após a Assembleia Constituinte. Ambas as propostas foram rejeitadas por uma tal maioria que não deixas dúvidas de que a Câmara Consultiva, não quiere envolver-se pelo terreno das consultas directas ao eleitorado, tão queridas dos poderes pessoais, e, muito menos, entregar durante sete meses o governo a De Gaulle, com a salvaguarda que nenhuma reprobção da futura Câmara eleita impediria a acção do General.

A rejeição da Câmara às duas propostas provocou uma situação bastante difícil para De Gaulle porque ele como antigo membro da "Action Française" não comunga na soberania de uma Constituinte, além de que no seu discurso, quinze dias antes da discussão, havia declarado que a acceitação daquelas propostas era para ele uma questão de confiança e de prestígio para prosseguir no seu posto.

Algo mais havia, porém, por detrás das suas duas propostas. Para ele, a futura Assembleia Constituinte é um organismo de poderes bastante limitados que nem sequer teria a facultade de elaborar o Estatuto nacional. O governo de De Gaulle teria nessa obra a maior das responsabilidades. Ele pretensão diminuir o prestígio e o valor da Assembleia em favor do referendums e dos poderes do governo. Assim, a diminuição do poder parlamentar e o cambaço do eleitorado causado pelos referendums, uma vez estabelecido o precedente, favoreceria inevitavelmente o renascimento das ideias anti-parlamentaristas. Os referendums nacionais em França têm uma triste história porque, até à queda à vida do II Império bonapartista. Por esse motivo, as direitas e as esquerdas votaram em oposição àquelas duas propostas. O critério das direitas nesta votação demonstra que, embora adeptos do sistema de Câmara dupla, não querem começar na aventura do general porque, com o desprestígio do plebiscito e o aumento dos poderes governamentais, teriam, com esta razão, uma regressão a qualquer forma de regimen

De Gaulle pensava, com o seu hábil discurso, a provocar.

se da diversidade de opiniões entre a direita e a esquerda, salientando por um lado o perigo de uma Assembleia sem o prestígio e força governamental, e por outro lado, a necessidade de uma estabilidade do governo, agitando a velha bandeira, tão conhecida, "de que em França houvera 120 governos em 20 anos".

Contra os prognósticos de muitos "criteriosos" formalistas, as direitas souberam ver o perigo e, sem temerem a sua concórdia de momento com as esquerdas e a "Resistência", rebateram a tentativa do general de embocarem para o caminho de uma centralização dofrasiado perigosa.

De Gaulle - o homem da primeira hora - deveria, como militar, ter deido por terminada a sua tarefa principal, uma vez que a França fora entregue ao poder civil, e ter endossado à Assembleia os poderes que, na hora de emergência e do perigo, havia chamado a si. Mas o poder tem os seus atractivos, além de que os conselheiros de que se rodeara são, em parte, pessoas afectas a formas de "liberdade dirigida", neologismo de uma forma, mais ou menos suave, de ditadura. Como militar, cumpriu gallardamente a sua missão - o povo e a "Resistência" têm mais de uma vez conhecido os seus bons serviços prestados durante os três anos e meio de exílio. Hoje, é constituído um perigo, tanto mais que as tendências reveladas pelas suas propostas têm uma forte tendência centralista governamental.

Depois deste largo desvio de apreciação ao que se tem passado em França, chegamos à conclusão de que o repúdio da Terceira República e a necessidade de se erguer das cinzas da derrota temporária da França uma Quarta República são bem visíveis, apesar da confusão natural de momentos e da heterogeneidade de critérios. Esta heterogeneidade é devida à diversidade de conceitos dos principais sectores políticos, que não querem deixar perder o ensejo de influenciarem a grande transformação que se está a preparar.

No entanto, é no sentido transformativo de uma para outra República que deveremos ver o julgamento das velhas formas democráticas da Terceira República se não, como se pretende lançar a ideia, no julgamento de um punhado de homens que, além de arrivistas, se bandearam com o inimigo.

"Todo o desenvolvimento da sociedade humana, para além do estado de selvageria animal, começou quando o trabalho da família criou mais produtos do que os necessários para a sua manutenção, quando uma parte do trabalho pôde ser consagrada à fabricação não apenas das meios de subsistência mas de meios de produção.

O excedente de produtos do trabalho servia para a manutenção do trabalho, a criação e o aumento de um fundo de produção e de reserva provindo daquele excedente, tal foi e é ainda a base de todo o progresso social, político e intelectual". (Engels, D. Trabalho)

Das forças armadas.



Dissemos no artigo anterior que a redução das forças armadas era um dos três pontos considerados fundamentais logo que se trouxesse a sério na solução do que chamamos "problema militar".

Expusemos algumas das razões que justificam esse nosso pensar e algo dissemos também sobre a nossa convicção de que a reforma tal como a preconizamos, a fazer-se, demanda estudo ponderado, competência técnica e uma visão superior das realidades existentes, por exemplo: os interesses criados, a força da tradição, muito arraigada nos espíritos, a exaltação patriótica, favorecida por uma educação de séculos, fazendo do Exército o fiel depositário e guardião da nossa independência e património colonial. Mas a condição essencial é, sem dúvida, que se realice uma verdadeira revolução que desperte os espíritos, insuffle novas energias e projecte para o primeiro plano as forças populares e democráticas cujo potencial vemos já latente por todo o país. Sem uma profunda transformação nos modos de pensar e de agir, estaremos de certo condenados, uma vez mais na história, a fazer uma "revolução no papel". Uns tiros nas ruas, uma catadupa de promessas, uma alegria efusiva e entontecente pela queda da "opressão" e umas superficiais remodelações para tranquilizar o povo. Assim foi a chamada revolução de 5 de Outubro, que depois de derrubar um trono capcomido pelos séculos e de ter eleito um presidente, se sentiu, não sabemos se exausta ou satisfeita da sua obra - certo é que a grande reforma desejada pelas massas empobrecidas do campo e das cidades continuou a ser uma esperança longínqua, uma miragem que a demagogia política mantinha ante um povo analfabeto, fanático, supersticioso e politicamente atrasado. Não é esta a situação presente, sabemos e devemos-na saber, e tê-la em muita conta, os futuros dirigentes dos partidos políticos.

No aspecto particular que estamos tratando, se a revolução liberal dos fins de século passado deu o golpe mortal nos chamados capitães mores, uma organização de tiranos de pequenos reis em cada terra - a revolução democrática a realizar, torn, se quere merecer esse nome, de deu também o golpe decisivo nos modernos "capitães mores", tirando-lhes das mãos todo o poder que actualmente possuem, quer no Estado do Fico, quer na mais remota e insignificante municipalidade ou república do país - coisa que, nem em 1916, nem 18,

É, portanto, na base da transformação que se opere, que nós podemos encontrar os possíveis limites para a desejada reforma das forças armadas. Não significa isto, naturalmente, que deixemos os braços e aguar-

demos o que há-de vir para então pensarmos no assunto. Nada disso. O futuro dará a medida exacta ^{em} que possamos aplicar as idéias que se desde já se esboçam e se definem nos debates, tomando corpo e força na opinião pública.

Um relancear de olhos pelo que se está passando no mundo de hoje, mostra-nos já o sentido das novas idéias que dia a dia se vão afirmando; e de modo algum podemos deixar de pensar que essa onda de aspirações, mal contidas pelo fascismo durante anos, se não reflecta nos espiritos dos portugueses, amantes do progresso e das instituições democráticas, abrippo-lhes novos horizontes, forçando-os a tomarem consciência da sua força e valor, a organizarem-se fortemente para levarem a revolução a ultrapassar os limites acanhados das antecedentes. É confiados nêsse despertar, cujos sinais mas são evidentes, e de harmonia com pensamentos vários, e por pontos por figuras de relevo das classes médias, que nós julgamos ser possível caminhar para uma nova estrutura económica e política, na qual o Exército se reorganize e desemboque a sua verdadeira função, sendo-se ao serviço da nação, e não esta subjugada e ao serviço do Exército, como na realidade tem estado. Qualquer versão dêste estado de coisas se define o nosso conceito de política anti-militarista, a que aludimos anteriormente, e que por demasiada corajosa poderia ser mal interpretado.

Estas estas considerações gerais, parece-nos oportuno agora concretizar melhor os nossos pensamentos sobre os três pontos mencionados.

Ora, uma das primeiras e imediatas medidas a tomar, tem, necessariamente, de ser de caracter político. É o âmbito da obra. São os primeiros delineamentos, que desde logo devem ser traçados e executados com mão firme, para bem assegurar o desejado êxito final. Trata-se da substituição de certos os altos commandos e de outros aquêles que occupam posições "chaves", consideradas de importância política no Exército (1) e que pelas responsabilidades contraídas, quer na organização quer na defesa da "Revolução Nacional", não oferecem garantias de estabilidade do novo governo. Uma depuração destâ natureza não pode, está claro, ser feita às cegas e com uma só bitola, o que não impede de ser energica e rápida.

Se para uns é exigido o ajustamento puro e simples, e para outros prisão e organização de processo, pelos crimes cometidos durante todos estes annos de ditadura fascista, para outros, de um grau menor de responsabilidade, basterá uma simples transferência de serviço, para onde a sua acção seja de qualquer modo anullada.

Só depois dêste saneamento, de cumprimento, digamos, a primeira fase do programma, se deverá ou pôr em execução a planificação completa remodelação de Portugal; parti-do da situação em se encontra elaborado, ou, caso contrario, dar-lhe o impulso necessário.

(1). Com o Exército, queremos nos referir a todas as forças armadas do país: de terra, mar e ar.

ção política geral que dependerá do critério a seguir. De resto, constitui isto um problema de pouca importância neste momento. O importante é que a Comissão para elaborar um trabalho desta envergadura, i.e. com a participação de homens inteiramente idóneos, quer no aspecto técnico militar, quer no aspecto económico e político, subordinando todo o seu labor a estes dois fins: na ordem interna, a remodelação deve atender à situação económica do país, de molde a que os futuros encargos financeiros sejam perfeitamente compatíveis com ela, desmembrando-a dos pesadíssimos encargos do actual "máximo de guerra"; além disso, deve ter em vista a situação demográfica, o quadro comprangedor da incapacidade física da população, cuja parte mais sã e mais robusta é hoje desviada do campo e da fábrica e encerrada em quarteis, só com a finalidade - completamente inútil - de aprender "quatro à esquerda" e "meio volta à direita". Estes dois aspectos estão inteiramente ligados à concepção geral das necessidades da polícia interna e da "defesa nacional" e esta última, ainda de certo modo, dependente de compromissos a tomar, porque na ordem externa, temos de arcar com as responsabilidades impostas pela nossa entrada no convívio das Nações Unidas, do qual estamos afastados pela "política colaborante" e duvidosa do actual regime fascista português.

É na conjugação, portanto, dos nossos compromissos externos (uma vez que aliado a neutralidade, conforme o que foi estabelecido na Carta de S. Francisco, e estabelecida a quota proporcional das nossas forças no exército internacional permanente como garantia da paz futura) e com as nossas possibilidades económicas e demográficas, que se deve procurar o ponto de partida para a nova estrutura do exército português. É nesta base que se reorganizarão os quadros, se limitará o mínimo, se fixarão as funções técnicas, as normas de recrutamento, tempo de instrução útil e objectiva, enfim, tudo quanto diga respeito ao bom funcionamento de uma máquina militar, económica, simples, bem articulada, isenta de burocratismos emperrantes e demasiado caros. É óbvio dizer-se que tal plano só poderá converter-se em lei de pois de submetido à análise e aprovação do mais alto organismo representativo da nação.

Seguindo a ordem, cabe agora referir-nos às escolas de preparação de oficiais. É um outro aspecto dentro do mesmo problema. Ele já fora suscitado a quando da revolução de Sidónio Pais; pelo menos o encerramento da Escola de Guerra era uma palavra de ordem do Partido Republicano Português, em virtude da intervenção dos cadetes nessa revolução reaccionária - uma das tantas tentativas de que mais tarde veio a ser a "revolução Nacional". Mas, então, ou por falta de vontade ou da força necessária, tudo ficou na mesma.

Acerto é que não se deve fazer uma redução nos quadros do exército sem que, ao mesmo tempo, se fechem essas escolas que annualmente fabricam para as fileiras desertoras ou contidas de oficiais de primeira, regra geral, filhos de famílias muito ricas e reaccionárias.

As escolas de oficiais, que se fundamentam na necessidade de garantir e preencher continuamente os quadros do exército, além à sua função técnica, torna outa muito menos notória mas de uma grande

GES
PCP

importância política. Os alunos são seleccionados por vários processos. São os que dispõem de meios económicos que possibilitam vencer as grandes despesas e a variedade de "filtros", postos ao acesso de todos os cursos superiores. A escola militar, entrelaçada ao mesmo propriamente técnico, está a formação cuidada de um escol classista, embuída de um espírito reaccionário, a preparação preconcebida dos homens que futuramente têm de assegurar o predomínio político da classe a que pertencem. Mas não é ainda este último aspecto que mais graves e prejudiciais consequências trazem à nação, tanto mais que estão a tratar de um problema a resolver no âmbito de uma revolução democrático-burguesa.

Queremos aludir à mentalidade profundamente reaccionária ali criada, incompatível com essa própria revolução. É demais conhecido o espírito retrogrado da grande burguesia portuguesa, formada, na sua maioria, por agrários, e éle torna-se evidente logo que o comparamos ao espírito progressista de outras classes igualmente ricas e ponderantes de algumas outras nações.

Esta guerra foi de uma maneira bastante clara, a diferença de concepções políticas que mantiveram os generais dos dois blocos em luta. Se é verdade que para nós, comunistas, Montgomery, De Gaulle e Rommel são inimigos de classe, verdade é também, em última análise, que o espírito humanista, o fundo da educação dos generais formados no mundo democrático não pode ser confundido com o dos generais do Eixo. Queremos com isto dizer, admitida a hipótese de ser necessário recobrir um dia mais tarde as escolas militares, que o ensino ali deve sofrer também uma completa reforma. A democratização do ensino tem de colocar-se em todas as escolas do país, sem excepção. É a orientação e educação dos alunos tem de fazer-se de maneira a servir os interesses da nação. O exército tem de considerar-se uma organização ao serviço do povo, de quem recebe os vencimentos e a quem tem de respeitar e fundamentar o das prepotências de meia dúzia de famílias ricas. O exército não pode ser uma ameaça, mas, pelo contrário, uma garantia das instituições democráticas. É neste sentido que nós concebemos a instrução futura dos oficiais, e se isto for conseguido não nos ficamos divididas que daremos um grande passo em frente, se extermínaria o feroz e constante de "golpes de Estado", ditaduras militares, aventuras de generais ambiciosos e corruptos, que pretendam transformar a nação numa imensa caserna, onde só o poder deles se abollita.

Entramos, finalmente, no terceiro ponto: a convocação de todos os quadros que a redução das forças armadas implique.

Para exprimir convenientemente a nossa ideia, queremos nos a declarar que excluimos os que forem abrangidos por qualquer sentença condenatória de delitos políticos ou económicos, abuso de poder, assassínatos, etc.

Em nosso critério, devem ser estabelecidos dois formalizações de um quadro se fer-numerário; a transferência para os serviços de outros ministérios.

No primeiro caso, convém fazer ingressar numa pe...

dos os oficiais cuja idade estivesse mais ou menos próxima da reforma. E até fôr aproveitados em serviços nas repartições ou unidades cuja extinção se faça gradualmente, por motivos aconselháveis.

No segundo caso, alargar os quadros dos outros ministérios, transferindo as verbas dos ministérios da guerra e marinha para aqueles onde os novos funcionários, agora considerados civis, fossem prestar serviço.

Não se veja nisto uma transferência apenas de dinheiro e a manutenção, por conseguinte, das mesmas despesas. Uma coisa é gastar em milhões de escudos inutilmente, outra emprestá-los no desenvolvimento da riqueza do país. É ainda que neste último caso o dispendio fôrse maior, seria sempre bem recompensado.

No combate ao analfabetismo desde que se estabelecesse um plano geral de emergência, encontrariam lugar muitos sargentos e oficiais; na higiene e saúde pública os médicos, principalmente, teriam um vasto campo de acção; no levantamento cadastral, como opinava o engenheiro Sá Caridoso, no seu livro "Política de Amalhiã", poderiam ser colocados muitíssimos oficiais; e no estudo de projectos de tantos e tantos trabalhos que há a realizar no campo da economia, parece-nos que o numero de engenheiros militares se tornaria insufficiente.

Tudo consistirá numa boa distribuição de serviços, na elaboração metódica de um plano geral de governo, e, como já dissemos, do carácter e da extensão que venha a tomar a revolução democrática-burguesa em Portugal, após a queda do actual regime "corporativo" e a sua pulverisação.

Dada a complexidade de que se reveste uma remodelação de tal ordem nas forças armadas, não nos podemos dar por satisfeitos simplesmente com o que ficou dito.

São umas linhas gerais que ficam arquivadas, para outra oportunidade se rememoradas ou, quem sabe, corrigidas, pois não é absolutamente seguro, neste momento em que por todo o mundo se está operando tamanhas transformações políticas, que tudo tenha de succeder exactamente como nos parece, a milhares de quilómetros da metropole e encerrados num campo de concentração.

III



"Se a escravatura torna possível a divisão do trabalho entre a agricultura e a indústria sob uma certa escala e, com ela, o desdobrar do mundo antigo, o helenismo. Sem escravatura não era possível o Estado grego, a arte e a ciência grega; sem escravatura não era possível o Império Romano. E sem esta base do helenismo e do Império Romano não seria possível a Europa moderna.

E neste sentido temos o direito de dizer: Sem a escravatura antiga não existia o socialismo moderno?..

(Engels - Anti-Dühring.)

PARA ONDE VAMOS

GES
PCP

II A

História tem demonstrado bem eloquentemente que não é pelo facto de uma corrente política ter sido derrotada, nos campos de batalha, ou numa campanha eleitoral, que o seu perigo desaparece de uma vez para sempre. Recordamos, a propósito, uma discussão, de que participamos, em que B. G., iludido pela vitória da Frente Popular em Espanha, afirmava que o perigo fascista havia de desaparecer naquele país. Os factos que se desenvolveram meses depois, provaram que tal não havia sucedido. O fascismo havia sido derrotado temporariamente, recrudescendo de violência pouco depois, uma vez que não haviam sido operadas transformações económicas, que, essas sim, realizadas em sentido próprio, minariam as suas raízes e tornariam impossível, ou pelo menos muito difícil, uma futura revivescência.

Nós havíamos afirmado no nosso anterior artigo que "o fascismo e todas as suas variantes têm as suas raízes no desequilíbrio económico da sociedade" e que este desequilíbrio era provocado pelo "aumento progressivo da riqueza num grupo da sociedade cada vez mais reduzido proporcionalmente do global dos valores acumulados e diminuição e empobrecimento global dos elementos cada vez mais numerosos do outro grupo económico".

Já havíamos observado, nesse mesmo artigo, que, apesar da evolução das formas parlamentares em alguns países, num sentido ainda mais progressivo, pelo menos nos seus aspectos, não se impediu a evolução de tendências políticas as mais reaccionárias e até o seu completo desabrochamento como forma governamental. E essas tendências novas quanto à forma exterior são velhas quanto à sua relação com as já existentes em outras épocas porque todas elas exprimem num grau mais ou menos exacerbado que se trata a si próprio logo que os interesses económicos dos seus apaniguados estão em conflito, em ideias e posturas, ao evoluir da sociedade. Neste sentido os Altéres, Francos ou Salazaros são formas mais ou menos actualizadas e adaptadas ao nosso século, das ideias de um Boulanger ou Pétain e de tantos outros nacionalistas "assombrados", que mais não foram que representantes políticos das mais ricas camadas sociais da sua época.

Todos eles, mais ou menos misturados, têm o traço comum de se chorem a satisfação das suas próprias necessidades económicas e políticas da sociedade, embora, na maioria dos casos e sempre visto na história pareça, nalguns casos, certo estado de uma dominação imperiosa. Não é preciso procurarmos muito, nem será necessário.

estado muito demorado para se chegar à conclusão de que a marcha para Roma, o golpe do Reichstag em Berlim ou o levantamento da camarinha militar em Espanha são abjectos nacionais de um mesmo e comum objectivo: impedir que camadas cada vez mais largas do povo participem directamente na vida pública do país, que sejam realizadas reformas tão inadiáveis como necessárias para demituir a miséria criada pelo desemprego e a fome, e que, para bem-estar e tranquilidade da maioria das gentes, se toquem nos interesses da classe que por detrás dos bastidores orienta os homens e as forças mercenárias que estão ao seu serviço.

Não é necessário falar-se das grandes greves e movimentos populares do norte da Itália, em 1919-22, dos progressos do movimento operário alemão, dos acontecimentos populares em Espanha, que antecederam a morte do socialista tenente Castillo e do falangista Calvo Sotelo, para se concluir dos motivos da instauração de qualquer destas ditaduras. Em Portugal, conquanto o "28 de maio" tenha arreornado o frontão da "luta contra a ditadura democrática", o que é certo é que, numa grande medida, o seu programa tinha por objectivo implantar a "ordem" onde reinava o "caos", "provocado" pelo movimento operário com as suas greves...

Orta, são precisamente esses interesses económicos que fazem mover as hostes reaccionárias logo que se desenharem perspectivas de os cercar, que é necessário ser-lhes combatidos, se não totalmente, pelo menos na medida em que eles mais se chocam com os interesses políticos e com o bem-estar e tranquilidade nacionais. O exemplo do passado demonstra que as classes populares não podem, em muitos casos, aspirar ao poder, nem tão pouco manter-se nele, não podem promover a execução de algumas pretensões bem comedidas se que tenham de haver-se com forças aguerçadas e desordeiras que, sob um pretexto nacionalismo, contra-riam e impedem quaisquer passos que dominassem ou fôrham em perigo os interesses do grande capitalismo.

Mas, frequentar-se-á, como se poderá entrar, na realização de reformas se, como afirmámos, a qualquer tentativa feita nesse sentido se erigem, nesse momento, como que moídos por mola oculta, não propriamente aquêles que auferem os mais grossos proventos da grande concentração económica, mas os que têm os seus interesses ligados aquêles e que, em simultâneo, constituem os seus apoios políticos e militares?

Essa foi declarámos não ser tarefa impossível conciliar essas reformas com as ideias de Ordem e Liberdade. Bastas vezes fomos assegurados que se não pode pensar em investir a ordem das instituições vigentes, na ^{prática} maioria dos casos, devido ao compromisso ^{político} stricto das forças combatidas na luta contra o fascismo, além de que seria inconcebível pensar-se na realização dessa investida e, outra vez, que, como já dissemos, o movimento operário acaba de passar por um dos seus maiores crises e que só agora se começa a abrir perspectivas para um novo período de reforçamento político e económico proletário.

Mas apesar de não se poder transformar radicalmente o aparelho político da sociedade para se realizar uma completa redistribuição da riqueza, há pelo menos duas vias que, não brigando com os princípios fundamentais sobre os quais se alicerçam as relações de propriedade, podem conseguir uma nacionalização completa de toda a grande indústria e da grande banca, ou, pelo menos, de todos os serviços considerados públicos, indústrias mineralúrgicas e de armamentos.

O primeiro desses caminhos é o que vemos abrir-se nos principais países da Europa: é o da mais ampla liberdade e aquele em que as camadas populares escolhem pela via eleitoral, pela selecção das forças políticas, o programa em que melhor se enquadra a realização das suas mais prementes aspirações de pão e justiça. Mas porque esse é o caminho que melhor se harmoniza com o proceder geral da democracia, por esse motivo, o menos chocante e o que menos nos se presta à confusão e à tarefa tenebrosa dos agitadores de águas turvas que por todo o lado vêem a labareda vermelha do Bolchevismo e da desordem, éle não nos interessa de momento.

O outro caminho, que nalguns casos será necessário forçar — dizemos forçar porque onde as forças políticas e económicas reaccionárias são mais intranquiilas e aguerriadas, igual procedimento está indicado aos que representam os interesses populares, se estes não querem ser esmagados — a via a escolher, será a do equilíbrio de um regime de força com a vontade popular expressa em programas políticos e económicos.

Esta solução não representa uma quebra de compromisso com as forças democráticas populares ou com a necessidade de Ordem e Liberdade. Pelo contrario, as forças democráticas utilizarão a força, porque os processos políticos da reacção são muitas vezes incompatíveis com a Ordem e a Liberdade sempre que têm a sua disposição bandos mercenários ou caserneiros frontos a violar esses princípios.

E não se diga que são "bolchevistas", "desordeiros" ou que fundos, os que têm semelhante opinião. Poderíamos citar inúmeros democratas que assim pensam nos dias de hoje e outros que em épocas remotas, em que nem se sonhava em comunismo ou bolchevismo (isto para tranquillidade dos tais facanhudos nacionalistas), que não hesitaram, em casos emergentes, em recorrer à força, sem que os seus objectivos deixassem de ser democráticos, não sómente porque alteraram as relações sociais num sentido progressivo, como tornavam viavel o exercicio de formas mais livres do poder e a planaravam as dificuldades as reformas mais amplas.

Pergunhamos o que diz Antonio Sérgio:

... "Cão se percebeu que nos importa o espirito e não a aparência das instituições. Há formas falsas de parlamentarismo divorciadas do povo e da opinião pública que reduzem no império de uma força politica destituída do espirito



to da Democracia - de uma força que não tem por escopo um
avanço contínuo na emancipação concreta dos homens do povo
(vivê-se entre nós); e há ditaduras que são liberais quando têm
por meta não o restringirem as liberdades já ganhas, senão que
tentar um trabalho enérgico, decisivo, de emancipação
popular (mas há que realizar essa obra rápida com profundo
espírito de liberdade para aumento concreto da liberdade, e não
fugindo de maneira alguma à livre crítica dos cidadãos). Deu-
nos Mussolini uma ditadura assim, far agora um século.
Temos no contrário que a de Mussolini não teve por laboro liber-
tar o povo - progrediu o espírito - mas sim embelescer e besti-
ficar os homens debaixo da tirania do seu próprio bando?...
(Ensaio - tempo III, pag. 27.)

Depois desta longa citação, outras poderíamos apresentar pa-
ra afirmarmos esta verdade quasi axiomatica: "Podem conceber-
se de mil formas as praxes e a organica de uma assembleia politi-
ca eleita, "porom" ela só é democratica quando realiza obra de de-
mocracia.

Não há que ter, por consequência, receio de se proclamar a
necessidade de recorrer a processos ou métodos, mais ou menos vio-
lentos sempre que sejam indispensaveis para assegurar a Ordem e
a liberdade, porque sem esses elementos não é possível a realização
da democracia. As forças populares não podem, de modo algum, fi-
car peadas por principios abstractos, rígidos, porque foi, as vezes, das
vezes, o demasiado respeito a esses principios, sempre desrespeita-
dos pela reacção, que permitiu, na maioria dos casos, a alteração
da Ordem existente e a subversão da liberdade, que passou de apa-
nágio de todos para usufruto de uma infima minoria.

Saber impulsionar a democracia na realização da sua
principal tarefa de igualização progressiva dos homens no ponto de
vista social e politico, saber escolher os meios para assegurar a dem-
ocracia e com ella o cumprimento da sua missão, eis a tarefa mais
difficil no presente momento. Confiemos, no entanto, que os sectores
interessados nela saberão recorrer a todos os meios para não mais
permitir uma regressão ao passado. As forças democraticas desper-
tas, fortemente sacudidas pelos acontecimentos destas duas últi-
mas décadas, difficilmente permitirão que, insonavelmente, for-
mas similares às que acabam de ser sacudidas nos seus países
se não incrustando no poder. Para esse efeito é indispensavel
um estado de vigilância permanente, de molde a não serem permiti-
das mais organizações de es-
tradas bonifratres provocadores e mercenários
que foram as tropas de choque de assalto ao poder legalmente orga-
nizado, enquanto que paralelamente se irão executando refor-
mas que discriminarão economicamente a grande burguesia hege-
monica. Na medida em que isso for feito, as forças democrati-
cas e com ellas o proletariado, não somente assegurarão a Ordem
e a liberdade como, tambem, criarão as condições para que a
humanidade não torne a sofrer, as mesmas inelomências, ou ou-
tras semelhantes, por que acaba de passar.

CÊNAS DA NOSSA VIDA



Boby



GES
PCP

Parece-me ainda estar a vê-lo!...

Sentado à frente da formatura, língua pendida, olhos atentos a tudo quanto à sua volta se passava, felpa cinzenta e branca, emarçapada e suja da terra que ele escavava ao abrir a sua trincheira e fôfeto de observação, donde, durante a noite, dava o primeiro alarme à aproximação do guarda inimigo, ou, ladRANDO, afugentava o cão-rádio que, acibalado pela fome, atravessava os arames em busca de osso ou restos de comida...

Quem, de entre nós, se não lembra do Boby, da sua curta e trágica história, da sua dedicação a todos os anti-fascistas, do seu fôdio a todos os carcereiros?

O Boby fôra-nos oferecido por uma senhora muito branca e loura, de olhos escuros, que nos cumprimentava sempre com um sorriso, no qual havia um misto de simpatia e de compungimento pela nossa sorte...

Confiando nos o Boby, na hora daabalada, ela fê-lo convencida de que só nós poderíamos estimá-lo e acarinhá-lo como ela o estimava e o acarinhava. Para ela, nós não eramos homens réprobos, "leprosos sociais" que deviam viver à margem da sociedade, mas sim jovens generosos e bons, pioneiros de uma vida nova, livre e sã, vítimas do ódio torvo de políticos deatós e sem escrúpulos...

Foi a partir desse momento de despedida que tivemos conhecimento com o Boby. Do seu passado... apenas a susceição de que vivêra Felix, stal como nós outres antes de entrar neste recinto de arames farpados e buinetas. Como nós, deveria ter tido os seus dias bons, paparicados alguns bolitos, maçãs de carne assada, rolicas côcas de galinha e talvez, também, recebendo as carícias de uma amãnte terna e compassiva.

Tudo isso - se é que usufruiu - desapareceu; a sua sorte ficou-se completamente à brasa. Comu de mesmo intrínseco e imutável "fôfeto"; aprofundou a distância, os fogos do rancho e da formatura, do abradado e do recolher; sofreu as agressões dos guardas boçais; acompanhou nos mais horas...

fionoso e árduo trabalho, saíam a portão, à frente das Brigadas, al-
tiro, de cabeça erguida, abrimos caminho, afastando fibicos, burros
e bodes, como se checassem que esses animais nos fucassem fazer
mal...

Rebelde, intemperato, não escondia o seu ódio, mal via a
sombra de um carcereiro; não lhe virava a cara, antes se punha "em
guarda", nervoso, irrequieto, arreganhando o dente branco e terri-
blemente agudo, rosnando ameaçador; só a nossa intervenção
prustava o ataque...

Vinha aqui, Koby!... E ele vinha, devagar, ferve-
do em raivas, a cada passo voltando a cabeça na direção do guar-
da, mostrando-lhe o focinho arrebatado, o buraco escuro do que-
las, a cauda estendida horizontalmente, erricada, terrível...
Mas, para nós ele era o amigo, o fiel companheiro, fultador, brincal-
hão, lambendo-nos as mãos, fuxando-nos as calças. Corria atrás
deste ou daquele e, na carreira, soltava um som rouco, semelhante
te ao de um "claxon", que nos divertia imenso. Entrava em todas
as barracas, num grande a-vontade - como se entrasse em casa de
amigos íntimos; se conversávamos, enroscava-se a nossos pés no
meio da roda; se alguém elevava o tom da voz, erguia o focinho, o
lhava-nos atentamente, num esforço de querer compreender as pa-
lavras e os gestos; se acaso se caía no silêncio, olhava-nos fura as
expressões e, talvez porque julgasse ser o silêncio motivado pela
aproximação de algum guarda, começava a rosnar, erguendo
-se imediatamente...

Um dia, os seus inimigos fígadais - os carcereiros - re-
solveram deportá-lo. O atrevimento do cão era-lhes insupor-
tável. Agarraram nêle, meteram-no à força na "vermelhinha"
que ia à cidade da Praia, e abandonaram-no a muitos quilo-
metros do acampamento. No rosto dos guardas, nesse dia, esta-
va impressa a satisfação, o prazer da vingançazinha sacia-
da. Roubando-nos o Koby, sabiam eles que nos privaram de
uma distração certa e que o desgosto da sua falta teria de ser
recalcada; sofrida em silêncio.

A vida aqui é assim feita. Para gaudío de fígmeus,
só somos humilhações sobre humilhações, insultos, castigos, agres-
sões; ontem, sofremos, hoje mais ainda e... amanhã?...

Porém, o Koby voltou!

Correu, correu sempre e sem parar, a cortá-mato, gal-
gou líguas de caçim, subiu montes, transpôs ribeiros, atravessou,
na sua carreira desenfreada, míseros povoados. Os indígenas vi-
ram-no decerto fassar, rente às cabanas, sem comprehendem
o destino que o Koby vinha traçando.

Vinha em busca dos irmãos e vinha também entre-
gar a vida aos olhos dos carcereiros...

Ei-lo que chega, atravessando as vedações de arô-
me, suado, aclamado de fígme, sufo de pó, crivado de feicos!

Como eclara pelo Campo a Sã nova: "O Koby chegou."

"O Roby voltou!"



Todos indagam onde está e para lá correm de seguida, ansiosos por vê-lo, saziá-lo, cada um arquitetando já um lugar seguro, fora das vistas dos guardas, de maneira a poupar-nos um novo desgosto. Um febril levanta-se e corre a levar-lhe uma cafeteira ^{com} leite, porque éle, "coitado, deve trazer muita fariça", diria, esquecendo-se absolutamente da sua própria saúde: E era verdade. O Roby bebeu, bebeu até se fartar.

Outros limpavam-no dos trocos de palha que na desonreada carreira se prenderam à felpa e extraíam-lhe os picos enterrados nas mãos e nos pés. Roby agitava a cauda, de contente, e tinha um olhar agradecido para todos. Nessa noite dormiu na oficina de reparação de automóveis, sobre uma fofa almofada.

No dia seguinte, "Té Maria" viu-o; tremeu de cólera e, entre dentes, sentenciou-o à morte. Roby olhou-o também; grammiu o focinho, fiôs ao sol os quatro caninos afiados... mas pas-sou de largo, desconfiado...

Decorreram mais algumas semanas, na mesma faina de sempre. Saudávamos o sol, que emergia de trás de um cabeço es-cabrado, de picareta no ar, já suados e sedentos; e à tarde, cieu e terra ainda em fogo, transpunhamos o portão, ferramentas ao ombro, fardas malfadadas, membros doridos e exaustos e o guarda expiando o alinhamento da forma ou a passagem de algum cabo ou sargento, a quem tínhamos de cumprimentar fi-or-dem rispida de "tirar... chapéus!?"

É uma noite... quando sentados às portas das barracas contávamos as nossas aventuras e descidas, olhando o céu estrelado, soou um tiro. Um estremezimento percorreu o corpo de todos nós. Que será? Alguma provocação?

Nos lados da cegonha, surgiu o Roby e, rápido como um raio, enfiou pela porta da "Mitra" - ao mesmo tempo, de-sito de convalescentes e porto de socorros. Trazia a cabeça torta de sangue; vinha ofegante, aflito. Vale Domingues observa-o e logo descobre o orifício da bala, que entrara na testa e saíra junto ao uma orelha, mas superficialmente.

A quietude do Roby, a maneira estoica, como suporta o escarafunchar da dor e as ardores da tintura, enche-nos de admiração. Um diz: "Parece mesmo uma pessoa". E afaga-o com carinho...

Todos compreendem que a sorte do Roby está traçada... que escapou uma vez mais mas não escapará desta.

É "Té Maria", o mais feroz e local dos guardas, ao vê-lo novamente, olha-o de esquelha por baixo da aba do casacaete, sorri sinistramente, bomo ameaças ininteligíveis, treme a farsa e on-rola com vagares significativos um cigarro "Xungar"...

O Roby deu-se conta do perigo. Evitava a rua, ocultava-se debaixo das camas, guardava a necessária distância dos guardas farsa.

GES
PCP

Unidade!

De tudo do que dissemos no último número acerca das perspectivas de unidade, nada alterou, até à altura, em que escrevemos estas linhas, para completarmos, no aspecto prático, as ideias que lançámos no passado artigo com este mesmo título.

Ainda há poucos dias, um militante da C.C.P. afirmava que eram eles que, no continente, tinham tomado a iniciativa da unidade e que era sob a sua direcção que ela se realizava. O que essa afirmação tem de ridículo é de que o estêco está bem nitido para gastarmos tempo a discutir a exequibilidade e efeitos de uma "unidade" dessa natureza. A inépcia desses camaradas levou-nos a deomas carar um fogo que, deshonesto, deveria, por simples pudor, ficar bem escondido. É claro que essa simulação não alteraria nem as condições nem os efeitos dessa obra, mas pelo menos eles não dariam de si uma pior ideia. É possível mesmo que eles não se deem conta desse aspecto e que na maior das infantilidades, que toca as raízes da crença, eles se factem do "bom trabalho" que estão realizando no sentido de abrir mais o fosso que separa os comunistas dos restantes sectores ideológicos do nosso movimento operário, nomeadamente do sindicalismo revolucionário.

Sejam quais forem, porém, as intenções desses camaradas ou daquêles que noutros sectores advogam a unificação do movimento operário em benefício da influência exclusiva do seu sector, sem-

não ser agarrado, embora romando sempre, ameaçador.

De nada lhe valeu. Foi agarrado e morto...

Assim desapareceu do nosso convívio o Boby, o "cão anti-fascista" que ligou a sua vida à vida dos presos, que, como estes, sofreu e suportou a perseguição sistemática e rancorosa dos carcereiros, que acabou por má-tá-lo.

Morreu o Boby. Era o "passe-palavra" dos guardas; era uma jacomba que os enchia de alegria porque feria a nossa sensibilidade, torturava mais ainda a nossa existência.

Morreu "mais um preso". Foi também o "passe-palavra" do director Manuel dos Reis ao capitão Tampilo; foi também, para ele, Reis, motivo de alegria, de espregadela de mãos, de pulinhos e risos...

Das "coisas da nossa vida", relíquias do nosso martírio, dedicámos estas linhas à memória de um cão, que foi nosso dedicado amigo e está enterrado algures, como dezmas de camaradas nossos, sob a terra estéril e queimada desta mortífera planície caboverdeiana....

pre que a unidade se não baseie na tolerância e respeito pelas outras tendências revolucionárias, reconhecendo-se a sua influência e valor, nada mais se alcançará que o prolongamento do passado, a continuação dos arruismos que sempre nos dividiram e, por consequência, a perda de perspectivas de unificação ulterior do movimento operário. Enquanto no campo das ideias e, o que é pior ainda, no da prática, cada um "puchar a brasa à sua sardinha", correrá sempre o risco de ela se apagar antes que se consiga servir dela. (1) - *Êr no final do artigo, frígina 25, e período a seguir -*

Por uma espécie de selecção natural êles irão desaparecendo uns para dar lugar a outros, outros, ainda, se irão aperfeiçoando e adaptando às necessidades de momento sem que haja para isso necessidade de aplicar o critério exclusivista e primário de umas ideias em relação às outras. Se nós comunistas estamos convencidos da excelência das nossas ideias, da perfeição dos nossos métodos, não devemos recear que, na prática, essa selecção natural as pretira, eliminando-as como incapazes de servir os objectivos da luta da classe operária. Pelo contrário, o exclusivismo, o sectarismo, as manobras e as táticas arteiras de eliminar as outras correntes, não revelam mais, embora sub-conscientemente, que a existência do receio do confronto das ideias e métodos na prática e, com êle, a sua eliminação como corrente ideológica directora ou, pelo menos, influente do movimento revolucionário.

Não devemos, pois, ter receios, escripulos ou quaisquer outros sentimentos de nos formos a par, seja de quem for, na luta e ombrearmos os nossos esforços aos de todos os outros. Além das vantagens que uma tal atitude trará para a realiação do objectivo comum de classe, nós só temos a lucrar sob o ponto de vista ideológico, porque a emulação contribuirá mais e mais para melhorar, não somente as ideias como também a sua aplicação, adaptando-as às características do nosso movimento.

No nosso passado artigo, baseávamos a unidade no estabelecimento de confiança mútua entre todas as correntes, seguindo com esse critério o caminho tracado por Y. de S. no seu trabalho "Reconstrução da C.G.T.". Nêsse trabalho, Y. de S. afirmava que a criação desse espirito de confiança não se dá de um momento para o outro só pelo facto de o desfirmos ou de nêle falarmos. É necessário um longo tempo de convivência, em que todas as boas vontades sejam postas à prova e em que na acção conjunta de todos os militantes seja criado um ambiente de franca camaradagem, quer pelo debate de ideias quer, muito especialmente, pela experiência que elas despreñam nêstes tempos mais próximos.

Há muito que se fala entre os comunistas que, pela via te unica, pela unidade da classe operária, é necessário sacrificar-se o máximo. Isto, porém, não tem passado de palavras, pelo menos do grosso das nossas fileiras. É necessário passar-se das palavras aos factos, ensaiar-se vários processos, entabular-se discussões,

interessar nêsse trabalho não somente os nossos camaradas mas também todos os militantes das outras tendências e, lenta e progressivamente, criar êsse ambiente da co-habitação futura de todos numa organização sindical única para toda a classe operária, onde comunistas, sindicalistas, socialistas, etc, embora conservando as suas características, ironamem todos os esforços no principal objectivo - melhoria das condições de vida da classe operária.

Mas êsse deve ser o resultado final da nossa actitude e acti-vidade de hoje. Destas depende o futuro da organização. Se não nos unirmos hoje na luta pela conquista dos sindicatos e contra o fascismo, de pertaremos amanhã, cada um dentro da sua "igreja", da sua "freguesia" e "capela", como ontem, e então a união será muito mais difícil.

Um dos primeiros passos a realizar seria a aproximação, quan-to aos seus immediatos objectivos, de todos os programas operários exis-tentes, em especial abis que mais interessam, nêste caso: o do movi-mento sindicalista e o do nosso, o movimento comunista. E' claro que o primeiro seria o estabelecimento de um programa comum politico e economico, a realizar nêstes dois ou três anos mais proximos. Mas de momento, cremos, não existem as condições necessarias para tal passo. Restringiremos, pois, as nossas aspirações e consiguamos que, pelo menos, os programas particulares de cada uma das correntes não impe-ça a acção individual de cada militante em se juntar a outras pa-ra o trabalho diario na fabrica ou no sindicato. Um dos pontos es-senciais dêsses programas deveria ter em mira o aproveitamento em conjunto da aparelhagem sindical existente, sem, contudo, dei-xar de ter em consideração as modificações essenciais que se infe-rem da diferença de uma organização sindical fascista para uma organização sindical revolucionária.

O que, porém, é inevitável - se é que se quer, no essencial, dar os primeiros passos na unidade - é que os militantes das varias tendências, em cada sindicato, se ponham de acordo no estabelecimento de progra-ma comum de acção, quer reivindicativa para o grupo profissional quer em relação ao sindicato, quanto a sua direcção. Assim, em cada sindicato se iria formando successivamente o núcleo de militantes, sem distincão de ideologia, que seria o embrião, por assim dizer, da uni-dade de toda a organização sindical. Sem êste tipo simples de uni-dade, que não effeito têm porque não abrangem toda a actividade sindical legal e ilegal do país, por acordo entre os seus dirigentes, e nem sequer têm por condição primária a unidade na fabri-cas, podemos afirmar que tudo quanto se legisle ou se diga será tudo falado e de sentido pratico. Somente na medi-da em que os acordos parciais se forem estabelecendo entre os mili-tantes de cada agrupamento profissional, na medida em que ca-da um d'elles abrangimentos, em virtude dos acordos entre os seus militantes, for unificando a sua acção, nós poderemos encarar com optimismo a possibilidade da unidade futura de toda a classe operária. A luta comum contra as direcções fascistas ou fascistas dos sindicatos, a luta pela solução dos problemas dia-

rios de cada classe seria, por assim dizer, o ambiente em que todos nós, sindicalistas e comunistas, criaríamos o espírito de tolerância e confiança mútua, com uma colaboração sincera e dedicada.

Todo o resto viria insensivelmente por si mesmo e o último passo seria dado quando fosse possível reconstruir a futura C.G.T., porque então o essencial estava feito. Bateria-se a juntar todos os sindicatos que o trabalho anterior havia unificado.

Estas ideias não têm a pretensão de ser um programa ou de se juntarem a outras como mais um remédio infalível para a desunião em que vivemos. Estas palavras têm o objectivo de ser uma contribuição para o esclarecimento do problema. No entanto, estamos convencidos de que este deverá ser, com pequenas variantes, o caminho que teremos de trilhar para alcançar o que todos nós dizemos desejar. Com quanto sujeitas a rectificações no formenor, essas ideias terão de orientar os nossos passos, crentes de que as melhores das condições para a criação da mútua confiança serão a tolerância de todos nós, de uns para os outros, e a colaboração estreita dentro da unidade mais simples da organização sindical.

(1) Para intercalar na página. 23.

A existência da classe operária é independente das ideias de que esta se serve para melhorar a sua existência. Ela é o resultado da evolução económica da sociedade, enquanto que as ideias e os métodos de luta não são mais que ferramentas ou meios ríteis para ela alcançar uma situação económica e política cada vez mais livre. Assim, o que fundamentalmente interessa é a satisfação dos seus desejos, em fim, a sua libertação e não a vitória de um sistema ideológico. Este ou aquele sistema só interessa na medida em que mais eficientes são os resultados da sua aplicação, isto é, quanto maiores são os benefícios que, com ele, alcança a classe operária. Neste modo, as ideias e os métodos de luta sofrerão as suas provas de eficiência na medida em que forem sendo aplicadas.

«A transformação do dinheiro em capital exige que o possuidor do dinheiro encontre, no mercado, o trabalhador livre, e livre num duplo sentido de vista. É preciso, primeiro, que o trabalhador tenha a sua liberdade, da sua força de trabalho, como uma mercadoria que lhe pertença; em segundo, é preciso que ele não tenha outra mercadoria a vender a qual lhe dê o ar, ele esteja, liberto de todas as causas necessárias à realização do trabalho?.. (Marx... O Capital...)



A política do "vai ou racha"



Ainda temos bem presente e bem vivas na nossa memória algumas das afirmações que o cruciante João da Silva fez após a sua chegada e depois de ter assumido a direcção desta "Colónia Penal". Por intermédio do seu guarda-costas, o célebre e conhecido rafeiro Henrique Seixas, ele fez-nos constar que "não vinha para cá para nos dificultar a vida, mas sim para a harmonizar a fim de que todos fôssemos uma verdadeira família"...

É na verdade foi tudo isso que observámos durante o período da sua direcção! Não nos faltou nada, absolutamente nada, que se relacionasse com a condenação à morte dentro deste Campo de Concentração.

Não restam dúvidas a ninguém de que os chefes do fascismo torquês nos atiraram para aqui para morrermos lentamente. Se outras condições não existissem bastariam só as condições em que para aqui fomos aterrorados e como fomos sido tratados, para podermos acusar de crime de lesa-humanidade os dirigentes do fascismo, todos os directores que por aqui têm passado - à excepção do capitão José Júlio da Silva - alguns guardas e os seus respectivos chefes.

Em vez de três dezimas de companheiros nossos, que já contém no registo dos assassinatos, nesta novena de anos de existência do "Campo da Morte", muitas mais contaríamos se não fosse a nossa inesgotável força de vontade para vencermos e a inabalável coragem para enfrentar os impios que têm caído sobre nós, assim como os sacrificios que nossas famílias e alguns amigos têm feito, os cuidados que temos empregado para nos defendermos e a nossa própria consistência de homens revolucionários, que nos fizeram de ser.

João da Silva - "O Cruí", ou "Cruel" do seu semelhante - veio com uma missão muito especial e com umas intenções tais que deixaram transparecer claramente a premeditação do crime, o homicídio voluntário pela fome, pela violência dos castigos e pela prolongada permanência sob o sol torrido e ardido, a que nós sujeitávamos nos "trabalhos forçados", a que a camarilha do fascismo português nos condenou.

Quem esquecerá jamais o "reimado" do "Cruí, ou Cruel"?

Desde que se pôs em contacto com o co. ele começou a sondar este e aquele preso, para marcar mais de perto alguns camaradas mais importantes nas suas afirmações e de certo modo mais influentes e com maior soma de responsabilidade no movimento operário do nosso país. Para isso, lançava o isco, em tiradas como esta: - "Eu também sou homem com ciência e princípios; admito, portanto, que cada um pense como lhe aprouver e respeito muito a maneira de pensar de qualquer pessoa; gosto de falar com criaturas que são francas e que sabem o que querem, porque eu também sou franca.



o sei o que quero?..

A certa altura, de entre as vezes que lhe proporcionou conversa, dizia êle ao camarada Correia Pires que, naquêlles momentos, "eram simplesmente dois homens que conversavam amavelmente, procurando cada um colocar os seus pontos de vista" e, como tal, "podia haver franqueza e tranquilidade?.. Nêsse mesmo dia, ao regressar do trabalho, Correia Pires dava entrada na "Frigideira"?

E foi assim que alguns camaradas foram no "canto da Sercia" e que João da Silva marcou para, cobarde e jesuiticamente, exercer sobre êles a mais dura repressão durante o seu reinado.

Que esquecerá a vilania d'êste homem?

Sabendo perfeitamente que estava em presença de um grupo de revolucionarios mais dispostos a quebrar do que a sercer, começa João da Silva por cumprir a missão que a "gestapo portuguesa" lhe havia incumbido, e que êle, tão fiel cumpridor dos seus "deveres", desompeñhou. Começou então por pôr em prática o seu programa, e com êle a "política do vai ou racha".

As suas ordens são tão imperativas e tão bem interpretadas que todos os seus dactylos as cumprem rigorosamente e sempre com instintos de sadicos, porque se vangloriam com as torturas e com os castigos que infligem ao seu semelhante. Essa "quadriilha de mulfeitores", que todos nós tivemos que suportar, insultava e provocava a tônto e a direito para arranjarem "justificação" para as constantes "Frigideiradas" de 20, 30 e 40 dias, passados nas condições mais brutais e desumanas que pode imaginar-se. Era um verdadeiro ambiente de terror, de "bota abaixo", da "caça ao homem" e de "liquida porque é vermelho". Um terror tal que até alguns inocentes amôis pagaram com a vida o simples facto de serem nêssos amigos... porque os não tratavamos mal....

Procurando saber se qual era o regulamento da "Colônia Penal", responderam que "os presos só têm o dever de cumprir e não direitos a gozar".

João da Silva apercebe-se de que os presos resistem e que têm uma vontade ferrea e uma consistência revolucionaria tal que se dispõem a enfrentar corajosamente tôda a pusilanimidade dessa ignobil e sinistra de homem; que os presos, em vez de andarem cabisbaixos, sorriem, dizem charachas e brincam, quando podem, uns com os outros; que a moral os não duram para, porque êles confiam e sabem que o seu dia há de chegar e que todos os tiranos da alcateja que o rodeia terão, como êle, de frestar, certas jela criminosas que praticam...

Os "trabalhos forçados" redobram de apleto e o sol ataca nos fôrmente; não nos permitem que bebamos água, quando a pedimos, e as febres surgam constantemente; a moral perde o nome a olhos vistos e a fome aumenta com tudo o rigor.

Quem esquecerá as monstruosidades praticadas por êste fiel representante da "Companhia de Jesus"?

Efectivamente, o ^{internacional} fascismo encontra-se no seu auge, atingindo o auge, e a sua repressão nos habes onde êle se tinha consolidado, era

qualquer coisa de sério e de heroísmo; mas a maioria esmagadora dos presos que se encontravam sob as patas dos teleguias de Salazar, nêste rectângulo, não forçiam e estavam dispostos a ir até ao fim, embora com risco da sua própria vida. Os anti-fascistas presos na chamada "Colónia Penal" de Tarrafal (designação, esta, para occultar o seu verdadeiro nome), lutaram, então, lutaram e lutarão, sem desânimo, porque nêles impera a certeza da vitória final, e convencimento da Razão e da Justiça e porque sabem sacrificar o amor pela liberdade e pela própria vida.

João da Silva não podia conceber que houvessem homens ^{com} uma tempera destas, e, como esbirro graduado ao serviço da tirania, empregava todos os processos para horrorizar e desagregar a união dos presos. Ele recorreu aos castigos, à fome, à redução do número de encomendas postais, que as famílias nos omniaram, a tirar-nos a tinta, obrigando-nos a escrever a lápis para os entes que nos são queridos, etc.

As contradições de que afirmara, não teve outro objectivo que não fosse o de nos prejudicar em tudo quanto podia, de nos arruinar a saúde e atirar com mais alguns companheiros nossos para o cemitério, pois não era outro o fim da célebre "Brigada Negra": matar ou arruinar!...

A ferocidade não parava porque os presos não cediam, e, então, João da Silva começa por tentar cortar a desagregação entre nós e organiza um Grupo de arte, que se tornou conhecido pelo grupo dos "rachados", ou, ainda e mais vulgarmente, pelo "Porta-aviões", constituído por alguns presos, que muito bem podemos dividir em três categorias: a primeira, constituída pelos que, efectivamente, se passaram "com armas e bagagens", procurando prejudicar todos e todos para caírem nas boas graças dos carcereiros; a segunda pelos que, por uma questão de debilidade de espírito ou de convicções revolucionárias, procuravam uma situação cômoda, eludidos de que realmente o "Porta-aviões" fosse uma ponte de passagem que os levassem à outra margem do rio e não sendo que com essa atitude prejudicavam as camaradas que se mantinham nas primeiras linhas de combate, expostos a todo o fogo de barragem feito pelos carcereiros. a terceira, pelos que para lá foram por determinação da própria direcção - bom houves, por sinal - considerados "inofensivos", e ainda por outros por se terem completamente isolados, por razões que se devem ser em conta, e, finalmente, por um ou outro que para lá foi em "condições especiais"...

Isto era uma manobra para esfarrapar uns e criar uma certa confusão para massacrar outros.

Os elementos que faziam parte do "Porta-aviões" era-lhes concedida uma série de "regalias", tais como: terem as malas em seu poder, escreverem a sua correspondência com tinta, fazer compras e organizar as suas patricinhas, disporem das formativas, e seel-passeiofênho aos domingos, etc, etc.

O que tudo isto significava sabia-mo-lhe nós perfeitamente, mas, felizmente, apesar de tudo, não de os resultados previstos e desejados.

pela Direcção porque nem todos os presos se deixaram iludir nem todos eram graças nem falhos de convicções revolucionárias nem mal-dosos.

É mais, para maior baixeira de carácter, para não dizer maldade, observámos que alguns elementos do "Porta-Livros" se iam quando os seus camarheiros de prisão iam em massa para a "frigideira" ou quando regressavam do trabalho, cheios de suor e de pó, de tal forma que dificilmente se distinguia se eram homens que ali vinham! A roupa deles se fosse forçada deitaria tanto suor como se a tivessem tirado de dentro de uma cunha de água - dada a intensidade do calor e o ritmo do trabalho que eram forçados a manter.

Quantas e quantas vezes succedeu chegarem os camaradas naquêl estado, saídos do trabalho, e não se preocuparem um pingo de água para refrescar o corpo e passar um pouco melhor a noite do descanso?

Entravam o portão e corriam em direcção ao lavadouro, em busca de água. Não a encontravam, e mais constrangidos ainda, por este facto, dirigiam-se para as respectivas casernas, atirando-se para cima das camas, estendidos e sem a fétida fumaça comer o intragável ração que João da Silva destinava para a sua alimentação!

Após a chegada do trabalho, tocava a "formar fuchinas" e alguns, os que estavam escalados, lá iam apertar mais uns "raios ultra-violetas", formados ao sol, junto à corrimão. No refeitório o calor era simplesmente sufocante e insuportável. Depois, o celi-bre "pirão", sem tempero algum, algumas vezes feito com carne com triquinose - que o Sr. Dr. Esmeraldo Pratas dizia não prejudicar a saúde, porque "o xal" extermiava-a tudo. - não se podia tragar. Alguns ainda conseguiam comer, porque a palavra de ordem era "comer para vencer", mas a outros criava-lhes náuseas o seu blêndor aspecto e o horrível cheiro, acabando por atirar com tudo aquilo para as barricas dos forcos. Mas, reagiram e enfrentaram corajosamente esta dura tempestade, recorrendo, alguns, ao pouco das suas reservas que lhes mandavam as famílias.

Mas isto não era tudo!

O martírio e a repressão prosseguiram em larga escala, porque João da Silva, exacto e calculadamente, dispunha-se a matar ou a arruinar fisicamente todos aqueles que não torciam. As casernas eram fechadas durante as horas de trabalho; quando abertas, não era permitida a entrada ali se não aos componentes do grupo de dela, não tinham parte. Falta dessas custaram a alguns camaradas estadias de 30, 30 e 40 dias na "frigideira", naquêl estado que todos nós conhecemos.

Que esquecerá tanto crime praticado neste Campo de Concentração durante a direcção deste famigerado regime?!

Éis um caso característico de como se castigam camaradas nosos:

Não temos presente qual foi o camarada castigado nem a

causa invocada que motivou o caso logo, mas sabemos que João da Silva, antes de decidir o caso, se volta para o sub-director, Capitão Osório - também escolhido a dedo pela policia para essa missão - e diz - he:

- "Olha lá, o Osório, não achas que dez dias é o suficiente?"

- Como, meu director? quinze?...

- Não, Osório... vinte!....

Que artufos!!..

É quantas vezes, a meio das refeições, à hora da sesta, ou mesmo de noite, chegava um dos esbirros, de cacete em fumho, e gritava em voz alta: - "Olha aí, tantos homens para descarregar a camioneta!..." Era a lenha, era areia, era sal, era o "fue" arroz, ferra... tudo!

É fosse lá algum dizer alguma coisa? Era cacete para cima e uma vintena, ou quarentena de "frigidreira"... de repouso na Casa Amarela. Isto era o que se chamava "deitar abaixo", ou a politica do "vai ou racha!"..

Sim, era para matar; mas a "canalha" resistia a tudo, marchava sempre, com um sorriso e de cabeça levantada. A malta confiava em si mesma, previa que o mundo não parava e que tudo era uma questão de tempo, uma fase agonizante do capitalismo e mais reaccionario.

Quantos e quantos camaradas nossos não sofriram pesadas torturas nos campos de concentração da Alemanha, da Italia e da Espanha?

Não havia duvida que era pesado tudo isto, mas tambem era certo que o momento era uma fase da propria época, e quem sabe se o começo do desmoronar do capitalismo reaccionario e, consequentemente, o derrota do fascismo, porque, através da historia, nós constatamos que estes feroes e impetuosos recursos de que a alia financa e o imperialisimo lancam mão estão sempre condemnados a quedas funestas, isto haver é uma força - a força da razão e do direito - que, embora com inúmeros sacrificios para a Humanidade, se impõe e acaba por vencer.

Mas a maldade e a situação de João da Silva na sociedade burguesa não lhe permitiam ver as grandes realidades da vida. Para ele, parece nunca ter existido historia, ou, então, nunca se deu ao trabalho de a ler para conhecer as várias fases da evolução da Humanidade e até que ponto seria possível o sustentáculo das ditaduras do fascismo internacional. É como eu tinha que o mundo recuaria e que o fascismo seria triunfante, agarra-se à "frenta", com unhas e dentes, e dá de proceder originariamente, cometendo toda a espécie de barbaridades e desmandos, tendo em prática a chamada politica do "vai ou racha!"; imitando, talvez, ter nas suas mãos a poderosa alavaca do retrocesso, com a qual encaminharia o mundo a seu bel talante. É possível que assim ficasse, porque a estupidéz e a maldade, nalguns homens, leva os ditos mandados a praticar e a imaginar as coisas mais inconcebíveis desta vida...

Ele començou-se que com se teria a seu modo um grande numero de tristes, com a certeza que com a sua dura repressão horrível seria ou faria durar toda a gente; meteu-se-lhe na cabeça que

assinhalado, para que amanhã, quando esse homem se sentar no banco dos réus, para prestar contas de todos os seus crimes, alguém lhe aponte em sua dita e directamente este caso...

Eis, camaradas, o espírito harmonioso do facinoroso João da Silva e de toda a quadrilha que o rodeava. Eis as facilidades que nos concedeu.

E daqui, de dentro deste acampamento, autêntica "sala de espera da morte", de hoje de formos sofrido todas as atrocidades e destruição belhamentos de todos os directores que temos conhecido, nós levantamos a nossa voz para lhes dizer que, após nove dias de ineluctáveis e de todas essas torturas, não morreremos nem enveremos todos.

que a nossa fé inabalável e os nossos sentimentos revolucionários ainda perduram em nossos espíritos com tanto ou mais vigor como à data em que entramos na luta contra o fascismo;

que estamos inteiramente convencidos que as vítimas que tomaram no campo da luta pela liberdade e pela emancipação dos trabalhadores e os inesgotáveis sacrifícios que esta luta tem custado servirão, amanhã, para organizar o libelo acusatório que levará aos tribunais os criminosos e lhes puníveis por essas vítimas e sacrifícios;

que do "Campo da Morte", e ainda debaixo da fúria do fascismo, nós dizemos ao mundo inteiro que ainda alimentamos a inextinguível fúria e consciência revolucionária para proseguirmos na luta contra o último reduto do fascismo internacional.

Não desistimos, não fugimos, não recuamos as nossas posições!

Só a morte poderá exterminar-nos e impedir que prosiguamos na luta até ao fim, mas o nosso ideal não morrerá e ele, tarde ou cedo, triunfará, porque nada o extingue. Ele floresce com tanta ou mais intensidade de que o rejuvenesce e o brotar da relva nos campos em plena primavera.

A Civilização e a Fraternidade dos povos, serão um facto, porque a força da Razão e da Verdade é a mais poderosa arma que destruirá implacavelmente o Egoísmo e a Maldade Humana!

Sim, nós confiamos porque a vitória será nossa!

mito vltm

"São precisamente as oposições diamétricas, consideradas como irreconciliáveis e insolúveis; são as linhas de demarcação e de distinção de classes arbitrárias que deram à ciência o seu carácter metafísico limitado.

Reconhecer que esses elementos contrários, essas diferenças, se tornam a encontrar na natureza, mas somente com um valor relativo que essa rigidez presumida esse valor absoluto, não são introduzidos na natureza nem pela nossa reflexão, reconhecer isso, eis a que constitui essencialmente a concepção dialéctica da natureza.

A ciência da natureza chegou ao ponto de não mais poder escapar à síntese dialéctica. (Engels)



NO LÔCO e COMO LÔRIOS DO MÊS



É cara, muito cara!

Churchill, a propósito dos intuitos libertadores do Exército inglês na Grécia, Bélgica, Itália, etc. esgotou-se a declarar que "a Inglaterra nada quer ganhar com a acção bélica dos seus exércitos", mesmo quando, deslocados das frentes de batalha contra os alemães, eles eram empregados contra os povos que acabavam de ser "libertados".

Há muito tempo já que nos havíamos convencido que assim não sucedia. Há séculos, mesmo, o capitalismo inglês mais não tem feito que aproveitar todas as oportunidades para alargar o seu quinhão, que é, na linguagem ruda do fascismo "o lugar of Sol". Nos próprios, portugueses, vimos já um alargar exasperante do "desinteresse" do John Bull. Ele "libertou-nos" quando das invasões francesas e thôco do celebre tratado de Methuen, que estranqueou a nasença a indústria nacional com a regalia de se emborachar com o nosso nectar viriense. A liberdade de D. João V quasi nos ia custando a ilha da Madeira, penhor da sua segurança quando fugiu para o Brasil. Depois vem a roedura no norte fle Mocimbigue, agora estamos quasi a ficar sem o maior rio arrigolamo, etc. Enfim, é bom nunca acabar de "desinteresse"!

Mas não somos só nós que lhe vimos o jogo. Francois Mauriac, o católico patriota da Resistência, também já o viu, assim como o viram as ELAS, na Grécia, e o novo italiano e belga. Numa entrevista publicada no "Mundo" de Lisboa, Mauriac diz que a Inglaterra é também formada "por velhos coroneis, que tiveram capreira nas índias, conspicuos fuvitanos e castulos mercadores". É essa Inglaterra que "só vê o lucro immediato, directo e palpável". Já esse Inglaterra está disposta a fazer a nossa felicidade, mas pelo preço por que em igualdade de circunstâncias tornou feliz a Bélgica e a Itália. Não se conhece que é demasiado caro. Não esqueçamos que as indústrias estão instaladas por nós 50 annos no terra de Anversia...

Não é preciso mais para afixar o "Anschluss a futuro" que o sr. Churchill tem querido imstringir à Europa occidental, crueinda e enfraquecida pelo fascismo.

Nos, portugueses, há muito que clamamos a libertação com a Helingion nos presentes. De futuro continuamos outra hora a saber.

têm sido libertados pelos ingleses, a não ser que... fartos de tanta li-
berdade, se libertem de uma libertação tão cara!

Será indispensável aderir?

GES
PCP

Há dois meses, um dos componentes do D. I. recebeu a comuni-
cação de que regressaria ao Continente. No entrar no Campo a notícia, enquan-
to os amigos do felizardo rejubilavam, nós ouvimos no nosso Grupo - C. C. I. - um
dos membros da C. C. F. afirmar:

- "É assim mesmo; quem quiser sair daqui tem de aderir ao Par-
tido Republicano Fascista!"

Como o silêncio cobrisse essas palavras, ele repetiu-as várias vezes
para que não os pudéssemos esquecer. Entretanto, passaram-se uns dias e aqui-
fe que já tem ordem de regresso vem juntar-se um outro - pertencente à C.
C. F. Muitas abraços, muitas felicitações, muito regosijo, e o curado atrevido, que
havia tido a infeliz ideia de tão imbecil afirmacão, desta vez amudeceu.
E' que este, por ser da C. C. F., não precisa de aderir ao "Partido Republicano Fascis-
ta" nem pode parecer duvidoso, sequer, a sua saída - como foi, por exemplo, a de
J. de Sousa...

Fassa mais algum tempo, e agora cabe a feliz sorte a 16 com pa-
rheiros, entre os quais se conta o célebre falador. E, enquanto nós ardemos
no desejo de lhe perguntar se ele também aderiu ao tal partido, como ver que
está de regresso aos ares pátrios, ele sorri e exclama:

- "É assim mesmo!... nem sequer um "rachado" regressa! É sem fei-
to, como faga dos seus bons serviços prestados ao fascismo!..."

Quando será que este e outros comarcadas aprenderão a ser um pouco mais
concedidos?

Fela lingua moire o feira! - diz o vulgo.

Sempre na mesma.

Passados dois meses sobre as eleições na Inglaterra, não resistimos em fazer
este comentário.

O presidente da Comissão da Campanha Eleitoral Conservadora declarou que
a ideia da Gestapo, de que Churchill se servira para atacar os trabalhistas, "foi um dos
maiores debastes da campanha eleitoral" e induz que o desaire do partido dos "Tories"
ocorreu ali uma das suas razões.

Não estamos de acôrde com essa afirmacão; o desastre dos conservadores tem
razões muito mais profundas que a desincoerência das afirmações de Churchill. E no
portanto não podemos deixar de sorrir quando nos lembramos o quanto exultou de
placido G. de R. M. logo após o discurso de Churchill, quando este lançou a série de vi-
lénias sobre os trabalhistas. G. de R. M. batia palmas e exclamava:

"Churchill acaba de falar com a bôla os trabalhistas! Depois do que
o Generalissimo (Cherúnia com iniciais) disse, aos trabalhistas nada mais
resta que fazer o seu testamento!"

Fassa-se tanto e os trabalhistas batem logo aos primeiros "rounds" os
conservadores. Logo são estes que confessam os erros cometidos.

Ho, Sr. G. de R. M., o que vale ter a lingua comprida!...

Si quando terminar a guerra!



Os respectivos departamentos de Estado, na América, na Inglaterra, na França e outros países, declararam há pouco que a censura à imprensa terminaria em vista de de ser acabado o estado de guerra desses países.

Se um estado de emergência de guerra pode justificar a censura, naqueles países, a censura era motivada pela guerra contra o estrangeiro agressor e fascista, como medida de segurança contra os "ajuntamentos colonistas".

Em Portugal é também a guerra o motivo da censura; mas esta guerra é contra o nosso próprio povo, é contra as liberdades democráticas....

Para aqueles países terminou a guerra, e com ela a censura. Em Portugal, o estado de "guerra civil surda", em que o governo lançou o país à parte de dois anos, continua e, por consequência, a Rei da Rô'ha continuará a opprimir o povo português.

Assim, como sucedeu naqueles países, se quando a guerra terminar no nosso país, cessará também a censura e, portanto, o trabalho do Espírito Livre e da Tesoura de António Ferro....

Que não tarde esse dia!

Para um bom entendimento...

Diz o "Jornal do Comércio":

"As nações vencidas pelas armas ou as que não deram ainda forças inofensivas - pela acção externa e interna - de se integrarem no espírito renova-dor das Nações Unidas, devem preparar-se para oferecerem a convocação que lhes dá voto e direito de se fazerem ouvir numa reunião internacional de que vai resultar, em grande parte, o destino do mundo."

Aqui está, em comitê claro ao ditador português para que ele deixe o povo ser juiz dos seus destinos. Mas o ditador não pode "expon-taneamente" dar a liberdade à nação, por ele e a sua camarilha amonadacada há vinte annos. A liberdade desta será a sua morte, sabe-o muito bem; ele está amarrado aos seus crimes e a máquina do Estado é o seu escudo protector.

Stival também sabia que era o homem mais odiado do povo francês. Mussolini, em 24 de Julho, perante o Grande Conselho Fascista, dizia: "Tenho a certeza de que sou o homem menos estimado, ou antes, mais odiado da Itália."

Mas isto só veio a público depois de terem caído na "desgraça". Também um dia Salazar dirá o mesmo. Agora - como, anteriormente, Mussolini e Stival - manda que o Ferro se inculcise e o apresente como o "grande chefe" português, "que goza da autoridade, da simpatia e do apoio de todo o povo". Esta é a "verdade oficial"; a outra, a verdade verdadeira, virá a público quando o "rafigo fradallhão" for expulso do templo, também com vendilhão....

Força e Inteligência.

Tommo de tanta animalidade que originou a força cega e bruta, em supremo Deus todo Poderoso, em regularem deflexões nas relações entre os homens e entre os povos, e que fez d'ello o mito supremo venerado por todos.

o homem "digno de ser forte", é consadado verificarmos que nem todos en-
saudeceram e que ainda aparam aqui ou ali vozes ponderadas e sãs a
reporom as coisas nos seus devidos lugares.

Têm estas palavras a propositos dos conceitos que muitos têm da for-
ça muscular e dos métodos de a desenvolver.

Contrario ás concepções teutónicas da força, o Dr. Harão de Miram da
coloca inteligentemente o problema da educação física.

Para ele, que não pretende meter o fuso numa caserna, "o mús-
culo não é o centro da actividade física". "ele apenas" permite a expressão
do movimento, mas não o decide nem o orienta". Deste modo será "o
centro superior que essa forma de movimento se define com caracter re-
gulador da actividade somática". Com outras palavras: "dá-se primei-
ro a fsiqie a forma de movimento, o músculo realiza - a depois". Assim
a intelligência tem de se desenvolver de molde a orientar a sistematização
dos exercicios físicos.

Neste sentido "o critério pedagogico não se submete a successos de
exercicios segundo a suposição arbitrária de simples ou complicadas, fáceis
ou difíceis, o que corresponderia a ver uma máquina de alavancas articula-
das". "São é a exhibição do poder físico o objectivo da educação; antes a aquisi-
ção por disciplina funcional das condições necessárias para a valorização de
possibilidades". "É a conquista disciplinadora da fsiqie que o soma (fí-
sico) expressa pelas suas funções ordenadas?..

Nã gônto ouvir tais palavras!

Quem nas também os macaqueadores dos que berrom: "môrra
a intelligência!", se é que a cartilha do "quatro á direita, quatro á esquerda"
lhes permite ver a monstruosidade de uma educação física que produz excelen-
tes máquinas executoras, mas cérebros incapazes de pensar.

E mais adiante, Harão de Miram da declara:

"O fim nacional da educação física é a forma activa de protecção
biologica e não a força do músculo, porque este garante sempre a força de tra-
balho desde que seja inteira a unidade funcional".

Mas para que não fiquem mais divididas as fanageristas da força
bruta, o distinto médico conclue:

"A força do músculo tem valor relativo sem a intelligência a diri-
gi-la e a vontade a animá-la para fins superiores".

Muito bem! A força sem a intelligência a conduzi-la e a orientá-
la não vale mais que a do cavalo que puxa la carroca.

E para essa e outras semelhantes tarefas que os processos teutónicos
de educação física adaptom os homens. O que vale é que caminhamos na bon-
da do progresso e esse não concilia com tais conceitos! Ainda bem!..

Politica realista...

Quando foi anunciado o "razone filtro" disse-se, nas paginas do "Recu-
to", que o fms que ele tinha em vista e o que de reaccionario ell representava.
Os meus corretores e agora a imprensa publica os resultados "públicos e reali-
stos" d'esse "razone filtro".

Ora, vejamos: em 25 candidatas que concorreram para a admissão.

à Faculdade de Ciências só 132 foram admitidos, isto é, 35,2% de reprovações.
E espartilho o número de "raposas" em alguns cursos. Nas Ciências Matemáticas 24 reprovados contra 18 aprovados; em Ciências Físico-Químicas 6 aprovados e 6 reprovados; no curso de engenheiros geógrafos 13 aprovados e 12 reprovados - e assim sucessivamente. E nas Faculdades de Direito, de Letras e de Medicina, que se lerá passado? Não é difícil prever...

Poderemos atribuir este grande número de "raposas" às deficiências do curso liceal? Parece-nos que não. Apesar de "Empinho" ser uma instituição oficial, não é fácil acreditar que um estudante venha sucessivamente os sete anos só à custa do "Empinho". O que há é que entre a matéria aprendida nos sete liceus e a exigida neste "exame filtro", existe uma enorme diferença, mas propençadada para seleccionar a entrada aos cursos superiores, que é como quem diz: seleccionar os futuros homens que hão de governar a nação.

Este carácter reacccionário, este espírito de classe está à vista.

Pax...



A América entra na guerra em defesa da liberdade dos povos, em defesa da democracia, etc., etc.

E para assegurar a Pax, e a "defesa do hemisfério ocidental" a imperial democracia norte-americana vai estendendo as garras e agarrando-se ao terreno em todos os continentes.

Para auxiliar a amiga Inglaterra, que estava "à riscar", instalou bases na Terra Nova - a Grécia de 50 contra-torpedeiros - nas Bermudas, nas Bahamas, nas Antilhas, em 1940 - acordo Latham-Cordell Hull. Em 1941 esta cedência de bases transforma-se numa cedência territorial, cujo contrato de arrendamento é de 99 anos.

Depois é a Guinamarca que cede terrenos na Groenlândia; mais um pulinho e chega-se à Islândia, em seguida à Líbia, à África do Norte, a Marrocos, à África Ocidental Francesa....

O sub-secretário da Marinha recomendou ao Congresso que fossem conservadas também as bases na Argentina, e quanto ao Pacífico, para falar só nas maiores, Kodiak, Adak, Haway, Babboa, Saipao, Bonin, Volcano, Rinkin, e as Filipinas... No mar das Caraíbas quer comprar as ilhas Britânicas e Francêsas... Na Sibéria alugou os furos de petróleo...

E que mais? Não sabemos ainda, mas tudo isso segue num ritmo maravilhoso para a segurança efectiva da Pax e da liberdade dos Povos?...

Curiosidade oportuna.

(Transcrições de alguns)

"... Creio não precisarmos ir mais longe para compreendermos que a ideia de Deus nos é dimensional, e qual é o motivo porque a Igreja quer o novo ignorante e os dirigidos da intelectualidade nacional? ... Já dizia Malina, teólogo e célebre teurista espanhol: "vamos como nas Trevas e avançamos bem. O cavalo que gira, debulha e vendada, nem por isso debulha pior o trigo. E os fêmeas, nem deixamos?..."

"Aqui está porque, pela mão do Bispo Teófilo, a Igreja mandou queimar 400.000 volumes da biblioteca de Alexandria, e pela mão do Califa Abeneir, quemados foram em Espanha 100.000 manuscritos árabes. Di-lo e História Eclesiástica do abade Henry... Em 1229, no concílio de Toulouse, proibiu-se a leitura da própria Bíblia. No concílio de Tours e no de Paris, proibiu-se a leitura dos livros de física. O estudo da física e da química foi proibido pelos Papas João XXI e Alexandre III, e a leitura dos clássicos gregos e latinos por um grande número de outros Papas. O Sylabus, na proposição 80, excomunga todo aquêle que disser que o Pontífice romano pode e deve reconciliar-se com o Progresso, o Liberalismo e a civilização moderna... A Igreja é um ramo de negócio onde o cliente paga sem nada receber; baste onde se entra apertado para despejar os bolsos. E, se se sabe ler, se se raciocina, deixa-se de ler fiavel. Logo, não convém aos parasitas, áquelles que querem viver á custa do esforço, do trabalho dos outros, dando-nos em troca mentiras, embustes sem conta, benfins e padre-nossos... E não se diga que a religião é um freio! As estatísticas têm demonstrado que onde a percentagem de criminosos é maior é precisamente nos países católicos: Espanha, Portugal, Itália, Áustria..."

É ainda por tudo isto, que, pela mão do Cardeal Cerejeira, é interdita a magnífica obra de Egas Moniz - "O Problema Sexual" - e tantíssimas outras de carácter científico e anti-clerical. E isto no Século XX!

É também por isso que elles querem o ensino religioso nas escolas e desviam para construção de igrejas e capelinhas millhares e millhares de contos, em prejuizo da Instrução Pública... Nada de instrução! "O cavalo que trilha, de olhos vendados, nem por isso debulha pior o trigo"...

Resta-nos a consolação de que a esta hora o Pontífice (o Sumo) já deve estar excomungado pelo tal "Sylabus", em virtude de Santidade - na impossibilidade de "beber a água do moimbo" por outro processo - pretender "reconciliar-se com o Progresso, o liberalismo e a civilização moderna"...

Seja, reformadíssimos patifes!

É um chorrinho!



O "senhor doutor" é o tipo mais perfeito de aldrabão que conhecemos. Não lêmos a memória da perseguição, mas ha casos são directamente ligados á nossa vida, aqui nesta prisão, que não podemos passar em silencio.

Depois de afirmar não haver falta de vitaminas, etc, caiu no lado oposto: uma dor de cabeça, uma unha encravada, um calo, uma ferida, qual-quer coisa, enfim, é classificado como um caso de ausência de vitamina. Criou entre os seus partidarios e admiradores um permanente estado de alar-me: "Há beri-beri declarado? Estamos perante um periodo horrivel! Há beri-beri!... Não há duvida alguma: são as anéllises a elle nós do "nosso autismo" que amarram esta horrivel e triste tragedia. Foram recibidas previndências e um microscopio!!! Se este instrumento viesse o que não seria de nós! Seria um verdadeiro catadromo! O nosso químico - que foi noção de farmácia na infância e que ainda não sabe fazer com orientamento o mais simples fenol - dá decerto de ver a carmin, tantíssimas doenças e o "doutor" proclamam novas e curadas doenças... E não nos esqueçamos de que já estamos á beirinha de uma descolta maravilhosa..."

HOMENAGEM

A todas as vítimas do fascismo



Até!... Grito que ecoou por todo o mundo, ao ser conhecida a capitulação do último reduto do Eixo? Grito que meses antes tinha sido pronunciado na Europa, com idêntica satisfação, com os olhos fechados no Japão.

Vitória total das forças aliadas! Esforço concluído por homens que, ao cumprirem a sua tarefa nas frentes europeias, marcharam sem de sãrimo para as ilhas do Pacífico. São assim os anti-fascistas; ocorrem no de está o inimigo, no cumprimento dos seus deveres, enfrentando os maiores perigos, mas com uma ideia fixa: vencer!

No de deixarem a Europa, as visões mgcabras do que se passava pelos campos de concentração, os heróis combatentes marcharam para o médio oriente, em defesa de uma causa comum: derrota total de Eixo!

Marcharam, lutaram e venceram!

O Japão rendeu-se!... A guerra terminou!...

Os campos ensopados com sangue de heróis combatentes, tornam-se férteis e de novo produzem ao!

Nas ilhas do Pacífico e a Europa, devastadas pelo fascismo as sassim, possuídas fore pelas poderosas forças aliadas, já não foram sangue pelas suas férteis planícies.

Na hora presente, em que a nossa liberdade paira indecisa, a verdade de uma luta corajosa e heroica regista-se na história da humanidade; pela sua vitória todos os povos agitaram o seu louço entusiasmo; todas as bocas seguias e felizes dos combatentes nos contam as suas odisséias... regressam aos lares!

Os seus rostos inspiram. Nos respeito, as páginas do Livro das suas vidas fazem nos estremecer de pavor e irmana. nos num grilo único: Justiça!

É um sinal, consciencioso e revolucionário, os nossos olhos esperam e os nossos ouvidos escutam:... libertação da Península Ibérica...

O nosso esforço reprodur-se na nossa mente e nós recondemoz homenagem:

- Vítimas do fascismo: nós vos saudamos!

Nós vos damos a saudação, o vos que osíd o símbolo do heroísmo!

Éis o nosso grilo revolucionário, que tom por conteúdo a nossa abnegação anti-fascista.

Qualquer que seja a vossa ideologia, o vosso credo religioso, o vosso campo de acção política e social, a vossa nacionalidade, at chegará o nosso grilo sauidoso, o nosso reconhecimento pelo vosso

crifício.

Porque nos vos admiramos, nós vos saudamos nestas páginas. Quando eis fire potências fascistas se foram sentir - não se re-
tângulo - contra nós, e no nosso sentimento anti-fascista, fora além da
sua capacidade de resistência, recorda Phaulmann e tantos outros
anti-fascistas covardemente assassinados. É no sofrimento de todos
vós, na vossa dedicada dedicação, reside a nossa expressão de luta
unificada contra um inimigo que se torna imperioso banir do cimo
da Terra.

A libertação da Península do fascismo será uma consequência
da vossa luta; embora distantes, nós curimos os vossos humos da vitória,
que nos anunciam o despertar de uma nova Aurora!...

Ah! a que grão acondeu a maldade humana!!

Peres fumpamos!?, quais mócios em esguios ciprestes, esprei-
tando, na calada da noite, as suas vítimas! Homens sem escrúpulos
encheram de luto e miséria milhões de lares e esfacelaram uma
geração!

Sempre que o Progresso, marca uma fase que determina o avanço
da humanidade, barreiras retrógradas se levantam para impedir a sua mar-
cha. E nós não podemos voltar as costas a tal inimigo; temos que encarar-
lo sem de frente - embora o seu hálito pestilento nos repugne - e dar
-lhe combate.

Todos esses "doutos catedráticos da política", apoiados pelas cama-
ilhas fascistas, construíram por esse mundo fora os seus ninhos subterráneos,
quais toupeiras, para abalar e retardarem por mgis uns séculos o progres-
so da humanidade. Deixá-los conseguir os seus objectivos? Nunca!

Compristeis o vosso dever, derrotando-os!

Nós, para tais mastins, não podemos ter benevolência; a nossa jus-
tica cairá sobre tais abutres.

Tossuimos um desejo firme de, não sendo vingativos, limpar-
mos a humanidade de espalracho político e demagógico.

É em cada povo, hoje mais do que nunca, existe o firme desejo
da sua libertação! E seremos nós, os trabalhadores, que velaremos por
essa aspiração - porque é também a nossa aspiração! Aspiração justa
e humana.

Um monumento será erigido à memória do esforço anti-fas-
cista durante esta guerra, que immortalizará os seus abnegados
combatentes! E a nossa luta continuará até à libertação completa
de todos os povos - nossa última paragem...

Sabed, ó vós que conduzis o anti-fascismo à vitória!

Salvê, irmãos de luta!...

2º Aniversário do Reduto-Teórico

Comarada.

Não te esqueças da tua colaboração para
o próximo número da nossa revista.
Confirmos com ela.